

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS – PROFCIAMB UEFS

GARDÊNIA LIMA DOS SANTOS

O IMPACTO DO GARIMPO DE DRAGA NA VIDA DAS MULHERES EM ANDARAÍ,
CHAPADA DIAMANTINA, DURANTE O PERÍODO DE ATIVIDADE GARIMPEIRA

FEIRA DE SANTANA-BA

2025

GARDÊNIA LIMA DOS SANTOS

O IMPACTO DO GARIMPO DE DRAGA NA VIDA DAS MULHERES EM ANDARAÍ,
CHAPADA DIAMANTINA, DURANTE O PERÍODO DE ATIVIDADE GARIMPEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino de Ciências Ambientais, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Ambientais. Área de concentração em Atuação Ambiente e Sociedade.

Orientadora: Profº. Drº. Carlos Uchôa de Lima
Coorientadora: Profa. Dra. Cláudia de Alencar Serra Sepúlveda

FEIRA DE SANTANA

2025

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

S235i

Santos, Gardênia Lima dos

O impacto do garimpo de draga na vida das mulheres em Andaraí,
Chapada Diamantina, durante o período de atividade garimpeira / Gardênia
Lima dos Santos. – 2025.

79 f.: il.

Orientador: Carlos Uchôa de Lima

Coorientadora: Cláudia de Alencar Serra Sepúlveda

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino de Ciências
Ambientais, Feira de Santana, 2025.

1. Mineração. 2. Garimpo de draga. 3. Gênero. 4. Invisibilidade feminina.
6. Impacto socioambiental I. Lima, Carlos Uchôa de, orient. II. Sepúlveda,
Cláudia de Alencar Serra, coorient. III. Universidade Estadual de Feira de
Santana. IV. Título.

CDU 622,015.(814.2)

O IMPACTO DO GARIMPO DE DRAGA NA VIDA DAS MULHERES EM ANDARAÍ, CHAPADA DIAMANTINA, DURANTE O PERÍODO DE ATIVIDADE GARIMPEIRA.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Ambientais.

Área de Concentração: Ambiente e Sociedade

Aprovada em 16 de março de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



CARLOS CESAR UCHOA DE LIMA

Data: 04/06/2025 09:49:45-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.º Dr. Carlos Uchôa de Lima - (UEFS)

Documento assinado digitalmente



CLAUDIA DE ALENCAR SERRA E SEPULVEDA

Data: 03/06/2025 16:41:42-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.ª Dr. Cláudia de Alencar Serra Sepúlveda - (UEFS)

Documento assinado digitalmente



AYANE DE SOUZA PAIVA

Data: 02/06/2025 11:17:37-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.ª Dr. Ayane de Souza Paiva - (UFMT)

Documento assinado digitalmente



HIAKAN SANTOS SOARES

Data: 30/05/2025 09:08:21-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.ª Dr. Hiakan Santos Soares – (UEFS)

UEFS-2025

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, nas sombras da mineração de diamantes em Andaraí, Bahia, lutaram pela sobrevivência. Mulheres que estiveram nas cozinhas, nos comércios, nas vendas e na prostituição, sempre resistindo com dignidade. Este trabalho é uma homenagem à sua força, ao sacrifício e à coragem silenciosa que nunca se apagou, mesmo sob a dureza da invisibilidade. Que suas histórias, como pedras preciosas, um dia brilhem e sejam reconhecidas.

AGRADECIMENTOS

Eis que chego ao fim.

Agradeço aos meus colegas da turma, por todas as trocas e aprendizados compartilhados ao longo dessa jornada.

Gratidão aos meus queridos alunos, aos meus colegas professores, que contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal, sendo sempre fontes de inspiração e reflexão.

Aos meus pais, por me mostrar o caminho, pelo incentivo constante, por me ensinar a importância da educação e do conhecimento. Certamente, seus ensinamentos jamais serão esquecidos, e são eles que me sustentam nas adversidades.

À banca de qualificação, pelo valioso acompanhamento e pelas contribuições essenciais para o aprimoramento deste trabalho.

Por fim, agradeço à Coordenação e Secretaria do PROFICIAMB, pela acolhida e suporte ao longo do curso. À UEFS, por abrir as portas do conhecimento e me proporcionar essa experiência única.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

“Não se nasce mulher: torna-se mulher”!
Simone de Beauvoir

RESUMO

Este estudo investigou a participação das mulheres no garimpo de draga em Andaraí, Bahia, destacando como a divisão sexual do trabalho, mediada pela violência de gênero e combinada com os impactos socioambientais da mineração, colaborou para a invisibilidade de suas contribuições. Utilizando uma abordagem interdisciplinar que incorporou teorias de autores como Butler, Rodrigues e Jesus, a pesquisa examinou narrativas de trabalhadores e trabalhadoras, revelando que as mulheres, frequentemente relegadas a funções de suporte como cozinheiras, prestadoras de serviços e, em muitos casos, envolvidas em atividades comerciais informais, enfrentaram condições precárias agravadas pela degradação ambiental. Os dados indicam que a promessa de enriquecimento rápido contrasta com uma realidade de instabilidade econômica e violência, exacerbando desafios para as mulheres, que assumiram predominantemente o cuidado doméstico e familiar. Portanto, os resultados sublinham a persistência de desigualdades estruturais e destacam a necessidade de políticas que promovam igualdade de oportunidade e visibilidade no mercado de trabalho e contribua para compreensão das dinâmicas de gênero em contextos econômicos. O material curricular, elaborado como produto final, destinou-se ao ensino médio e apresentou uma sequência didática baseada na história do garimpo de draga, com foco na participação das mulheres e nos princípios de uma educação anti-opressiva. Como recurso pedagógico, elaborou-se o documentário “Diamantes em terras andaraíenses”, com relatos de duas ex-cozinheiras do garimpo e um garimpeiro, utilizado para fomentar reflexões em sala de aula sobre desigualdade e opressão de gênero.

Palavras-chave: Gênero; Garimpo de Draga; Divisão Sexual do Trabalho; Invisibilização das Mulheres.

ABSTRACT

This study investigated women's participation in dredge mining in Andaraí, Bahia, highlighting how the sexual division of labor, mediated by gender-based violence and combined with the socio-environmental impacts of mining, contributed to the invisibility of their contributions. Using an interdisciplinary approach that incorporated theories from authors such as Butler, Rodrigues, and Jesus, the research examined narratives of workers, revealing that women, often relegated to support roles such as cooks, service providers, and, in many cases, engaged in informal commercial activities, faced precarious conditions aggravated by environmental degradation. The data indicate that the promise of quick enrichment contrasts with a reality of economic instability and violence, exacerbating challenges for women, who predominantly assumed domestic and family care. Therefore, the results highlight the persistence of structural inequalities and highlight the need for policies that promote equal opportunity and visibility in the labor market and contribute to the understanding of gender dynamics in economic contexts. The curriculum material, developed as a final product, was intended for high school students and presented a didactic sequence based on the history of dredge mining, with a focus on women's participation and the principles of anti-oppressive education. As a pedagogical resource, the documentary "Diamonds in Andaraí Lands" was produced, with accounts by two former cooks from the mine and a miner, used to encourage reflections in the classroom on gender inequality and oppression.

Keywords: Gender; Dredge Mining; Sexual Division of Labor; Invisibility of Women. Sexual Division of Labor; Female Invisibility; Chapada Diamantina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de pintura rupestre presente na Gruta da Marota - Andaraí/BA	47
Figura 2 - Mapa do município de Andaraí	48
Figura 3 - Fotografia de garimpeiros trabalhando no córrego do padre, Andaraí - BA, década de 1950.....	49
Figura 4 - Fotografia da praça Coronel Aureliano Gondim, Andaraí - BA, 1957.	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População residente, por situação do domicílio: Andaraí, BA, 1970 – 2010	50
Tabela 2 – Unidades de Registro	52
Tabela 3 – Categorias de Análise	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
PLG	Permissão de Lavra Garimpeira
CBPM	Companhia Baiana de Pesquisa Mineral
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1.1 Introdução	12
1.2 Objetivos	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Gênero, Violência e Invisibilidade Feminina no Garimpo de Draga	15
2.2 A mineração e o garimpo de draga	24
2.3 A participação das mulheres no garimpo	33
3 PERCURSO METODOLÓGICO	41
Abordagem metodológica, coleta e análise de dados	44
3.1 Área de estudo	46
3.1.1 O Município de Andaraí	46
3.2 Amostra	51
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	52
4.1 Apresentação das Unidades de Registros e Categorias de Análises	52
4.2 Divisão sexual do trabalho, violência de gênero e impactos socioambientais	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	71
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista	73
APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ	73
APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM SÔNIA, MARIA, PEDRO E JOÃO	75
APÊNDICE E – RELATÓRIO DO PRODUTO EDUCACIONAL	78

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Introdução

A história da mineração no Brasil está profundamente vinculada a dinâmicas econômicas, sociais e ambientais que, ao mesmo tempo que impulsionaram o desenvolvimento de determinadas regiões, também perpetuaram desigualdades estruturais. No caso da Chapada Diamantina – em especial o município de Andaraí, Bahia –, a intensa exploração dos recursos naturais, notadamente por meio do garimpo de draga, moldou transformações na organização do trabalho e na sustentabilidade local. Essas dinâmicas, que envolveram a extração mineral e a geração de riquezas imediatas, afetaram de maneira distinta os diversos segmentos da população, evidenciando tensões relacionadas ao desenvolvimento regional, sobretudo na medida em que o processo impulsionou a economia local em comunidades tradicionalmente marcadas por relações de trabalho informais e precárias (SANTOS *et al.*, 2010; MATTA, 2006).

Entre as formas de mineração artesanal, o garimpo de draga, popularizado no século XX, destaca-se por seu uso de maquinário pesado, como motores a diesel, e por seus impactos ambientais mais agressivos, incluindo o assoreamento dos rios e a poluição das águas por combustíveis e detritos (PIMENTEL, 2014; IPHAN, 2025). Tal atividade, que teve seu auge entre as décadas de 1970 e 1980, foi oficialmente extinta em 1996, embora ainda permaneça como referência simbólica, cultural e identitária no município de Andaraí (IPHAN, 2025). Atualmente, garimpeiros locais buscam a reestruturação e regularização da atividade, propondo práticas sustentáveis como o reflorestamento e a recuperação do solo degradado.

Apesar de seu impacto expressivo na economia local, o garimpo de draga foi marcado por uma divisão sexual do trabalho que conferiu centralidade ao protagonismo masculino, enquanto relegava as mulheres a funções de apoio, muitas vezes invisibilizadas nos registros oficiais e nos estudos sobre mineração (RODRIGUES, 1992; JESUS, 2019). Ainda que a literatura sobre garimpo aborde com frequência os aspectos técnicos e econômicos da atividade, poucos estudos aprofundam as desigualdades de gênero implicadas nesse contexto, sobretudo em relação às experiências das mulheres que viveram (e em parte ainda vivem) à margem da atividade garimpeira formal.

Diante deste cenário, a pesquisa questiona: como a divisão sexual do trabalho, mediada pela violência de gênero e pelos impactos socioambientais da mineração, contribuiu para a invisibilização das mulheres no garimpo de draga em Andaraí? Esse questionamento orienta a análise dos dados coletados, permitindo identificar as relações entre a imposição de papéis de gênero – onde as mulheres, historicamente condicionadas por relações de poder, atuavam em funções de suporte, como cozinheiras, prestadoras de serviços e, em muitos casos, no comércio sexual –, e os efeitos ambientais e econômicos que reforçavam sua marginalização (Rodrigues, 1992; Jesus, 2019). Ao considerar os desafios impostos por uma atividade marcada por condições precárias e por um fluxo de riquezas ilusório, esta pesquisa busca compreender como as expectativas de enriquecimento rápido se chocavam com a realidade de um trabalho exaustivo e pouco valorizado, que inviabilizava a ascensão social das mulheres e perpetuava seu silêncio diante da violência.

A interseção entre a atividade garimpeira e a invisibilidade das mulheres foi abordada a partir da divisão sexual do trabalho e das relações de gênero que condicionaram a participação delas no garimpo de draga. Estudos como os de Rodrigues (1992) e Jesus (2019) evidenciam que, embora as mulheres tenham exercido papéis essenciais – mesmo que subordinados – no funcionamento da atividade mineradora, esses contributos foram sistematicamente desvalorizados e relegados ao invisível.

Além disso, ao tratar da masculinização do espaço minerador, é importante considerar as contribuições teóricas de autores como Butler (2018), para quem o gênero não é uma essência fixa, mas uma construção performativa sustentada por normas sociais. Essa abordagem permite compreender que a ausência de mulheres em posições de visibilidade no garimpo não é apenas reflexo de uma divisão econômica do trabalho, mas expressão de um discurso simbólico que reforça a associação entre masculinidade e mineração, marginalizando outras identidades e formas de participação.

Ademais, os impactos ambientais intensificados pelo garimpo de draga – que, conforme apontam Santos *et al.* (2010), Matta (2006) e Pimentel (2014), comprometeram a qualidade dos recursos hídricos e aceleraram a erosão dos solos – não só deterioraram o meio ambiente, mas também agravam as condições de vida das comunidades, afetando principalmente as mulheres, que pela imposição violenta

de uma divisão sexual do trabalho baseada na divisão hierárquica de gênero, foram postas como responsáveis pela manutenção do lar e da saúde familiar.

Assim, este trabalho propõe uma análise crítica das narrativas construídas em torno do garimpo de draga em Andaraí, articulando dados empíricos – obtidos por meio de entrevistas com moradores locais – com referenciais teóricos que abordam gênero, trabalho e impactos socioambientais. O objetivo é compreender de que maneira essas estruturas de poder contribuíram para a exclusão das mulheres, bem como refletir sobre as possibilidades de reconhecimento e valorização de seus papéis nesse contexto.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a participação das mulheres no garimpo de draga em Andaraí, Chapada Diamantina, destacando os desafios enfrentados, os papéis desempenhados e os impactos da divisão sexual do trabalho na invisibilização feminina, bem como os impactos ambientais resultantes dessa atividade.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para efetivação do objetivo geral foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Analisar como a definição social dos papéis de gênero, estruturada por meio da divisão sexual do trabalho e da violência de gênero, contribuiu para a invisibilização das mulheres no garimpo de draga em Andaraí, considerando as ocupações exercidas por elas e o status social dessas funções.
- Conceituar teoricamente a atividade garimpeira, abordando seu contexto sócio-histórico, a especificidade do garimpo de draga e sua diferenciação em relação ao garimpo manual, bem como os impactos socioambientais da mineração e, especificamente, da exploração por dragagem.

- Examinar o contexto social, histórico e econômico do Brasil, da Bahia e de Andaraí desde 1844, com o início da atividade garimpeira em Mucugê, até o final da década de 1990, destacando as transformações estruturais que influenciaram o trabalho no garimpo e a posição das mulheres nesse cenário.
- Investigar os impactos econômicos e ambientais do garimpo de draga em Andaraí, analisando como essas mudanças influenciaram a divisão sexual do trabalho e afetaram a vida das mulheres envolvidas na atividade garimpeira.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Gênero, Violência e Invisibilidade Feminina no Garimpo de Draga

Para investigar como a divisão sexual do trabalho no garimpo de draga contribuiu para a invisibilização da participação feminina nessa atividade, realizou-se uma revisão bibliográfica com trabalhos que discutem as relações de gênero e a violência de gênero. A partir dessa base teórica, buscou-se compreender os mecanismos que perpetuam a marginalização das mulheres no contexto garimpeiro, analisando as posições sociais e econômicas que elas ocuparam e a forma como essas dinâmicas se relacionam com as construções sociais de gênero e as múltiplas formas de violência que contribuem para sua invisibilidade. Assim, a seção que segue buscará articular a interseção entre gênero, violência e invisibilidade feminina no garimpo de draga, ancorando-se nessa perspectiva teórica para analisar as experiências dessas mulheres e as estruturas que as tornaram invisíveis.

Neste trabalho adotaremos a perspectiva que entende gênero como um conjunto de práticas sociais de distinção de pessoas com base no sexo biológico e de atribuição de papéis sociais, como proposto, por exemplo, por Carvalho (2017), ao citarem Ridgeway e Smith-Lovin:

Segundo Ridgeway e Smith-Lovin (1999), gênero é um sistema de práticas sociais existentes dentro da sociedade, que define e constitui as pessoas como diferentes, de modo socialmente significativo, e organiza relações de desigualdade baseadas em tais diferenças. (Carvalho, 2017, p. 4).

A autora continua seus argumentos afirmando que:

A noção de gênero como uma divisão social realça a ideia de que as diferenças de gêneros são predominantemente de origem social e estrutural, de modo que o homem, como uma categoria, possui mais poder social do que a mulher, também como uma categoria. A identidade de gênero estrutura a experiência, o sentido dado ao mundo e as expectativas dos outros. As relações de gênero, no entanto, ao representarem desigualdades inscritas nas estruturas da sociedade, existem igualmente fora dos modos pelos quais as pessoas categorizam homem e mulher. Gênero é uma construção social usada para definir, explicar e justificar desigualdades. (Carvalho, 2017, p. 4-5).

Carvalho (2017) destaca a centralidade do gênero como um sistema de práticas sociais que não apenas diferencia homens e mulheres, mas também estrutura relações de poder e desigualdade. Nessa perspectiva, de que o gênero transcende a dimensão individual e se inscreve nas estruturas sociais, legitimando hierarquias e naturalizando desigualdades, Joan Scott (1989) argumenta que o gênero não é apenas uma descrição biológica, mas sim um elemento central das relações sociais, baseado em percepções e normas culturalmente construídas sobre as diferenças entre os sexos. Em sua obra seminal, ela destaca como o termo “gênero” emergiu como uma ferramenta crítica, permitindo às feministas investigar a organização social das relações de poder entre homens e mulheres de maneira mais profunda e reflexiva.

Ao desafiar a ideia de uma dicotomia fixa e natural entre masculino e feminino, Scott (1989) propõe uma desconstrução das narrativas históricas que reforçam essas oposições binárias como inerentemente verdadeiras. Ela enfatiza que o gênero não só molda as identidades individuais, mas também legitima e critica estruturas políticas e sociais mais amplas. Essa perspectiva histórica dinâmica permite entender como as relações de gênero são construídas e contestadas ao longo do tempo, influenciando tanto a política quanto as experiências cotidianas das mulheres e dos homens.

Ao enfatizar a construção social do gênero e sua influência na invisibilidade da mulher no garimpo de draga em Andaraí, é crucial adotar uma abordagem que não apenas reconheça a presença histórica das mulheres nessa atividade, mas também investigue como as normas de gênero moldaram e continuam a moldar suas experiências dentro desse contexto laboral específico.

O conceito de gênero, conforme analisado por Louro (1997), é fundamental para compreender a construção social das diferenças entre homens e mulheres e seus desdobramentos nas relações de poder. Inicialmente, os Estudos Feministas

centraram-se na mulher como sujeito/objeto de estudo, buscando evidenciar sua presença e participação histórica, frequentemente apagadas pelas narrativas dominantes. Como aponta Louro, esses estudos:

(...) trazem temas, questões e procedimentos novos para o mundo acadêmico (...) revigoram metodologias e procedimentos de investigações, criam estratégias de pesquisa originais, valorizam fontes documentais antes desprezadas, descobrem novas periodizações históricas, permitem-se uma linguagem mais subjetiva e pessoal (Louro, 1997, p. 151-152).

Essa abordagem crítica rompe com a neutralidade presumida das ciências sociais e históricas, revelando como a exclusão da mulher nas análises acadêmicas era resultado de um apagamento sistemático.

A evolução dos Estudos Feministas levou à formulação do conceito de gênero como categoria analítica, deslocando o foco exclusivo das mulheres para as relações sociais que estruturam as masculinidades e feminilidades. Esse deslocamento permitiu compreender que as diferenças de gênero não são apenas biológicas, mas construções culturais e discursivas que regulam papéis, espaços e oportunidades. Louro destaca que:

(...) Estudiosas e estudiosos feministas, que passam a operar com o conceito de gênero, deixam o olhar exclusivo sobre as mulheres para examinar as relações de gênero e, em consequência, passam a incorporar explicitamente em suas análises os homens e a produção social das masculinidades (Louro, 1997, p. 161).

Essa abordagem interdisciplinar se fortalece ao dialogar com outros campos críticos, como os “Estudos Negros, os Estudos Gays e Lésbicos e os Estudos Culturais”, ampliando o escopo da análise e revelando as interseccionalidades presentes nas relações de poder (Louro, 1997, p. 161).

No contexto da invisibilidade feminina no garimpo de draga em Andaraí, a perspectiva de Louro oferece um caminho teórico essencial. A ausência dessas mulheres nos registros históricos e acadêmicos não reflete sua inexistência, mas sim um apagamento estrutural, que pode ser analisado a partir das metodologias inovadoras dos estudos feministas e da teoria de gênero.

Dessa forma, ao adotar o conceito de gênero como chave interpretativa, torna-se possível questionar as formas de exclusão e marginalização que determinam a invisibilidade feminina no garimpo. Isso implica não apenas reconhecer a presença histórica dessas mulheres, mas também compreender como as relações de poder, os discursos e as práticas culturais construíram sua exclusão das narrativas dominantes.

Conforme Giffin (1994), a construção social dos gêneros desafia explicações biologicistas e evidencia que a condição social das mulheres não é determinada pela anatomia, mas sim por relações estruturadas de poder. A autora afirma que “anatomia não é destino” e que “o privado é político”, destacando que as relações de gênero e sexualidade se configuram como campos de luta onde as desigualdades entre homens e mulheres são recorrentes (Giffin, 1994, p. 148, 150).

Além da desigualdade de gênero determinada por relações sociais de poder, segundo Louro (1997), o gênero não pode ser apreendido de forma binária, pois masculino e feminino possuem elementos que se excluem, mas também que se unem. Segue uma citação em que Louro fala sobre as consequências do binarismo de sexo na instituição de outros pares dicotômicos de atribuição de características femininas e masculinas e da atribuição de superioridade ao masculino:

Por outro lado, essa eterna oposição binária usualmente nos faz equiparar, pela mesma lógica, outros pares de conceitos, como “produção-reprodução”, “público-privado”, “razão-sentimento”, etc. Tais pares correspondem, é possível imediatamente perceber, ao masculino e ao feminino, e evidenciam a prioridade do primeiro elemento, do qual o outro se deriva, conforme supõe o pensamento dicotômico. Ora, é fácil concluir que essa lógica é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos “amarra” numa posição que é, aparentemente, consequente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar “natural” e fixo para cada gênero. (Louro, 1997, p. 12).

Para De Souza (1995, p. 9), ainda que gênero não diga respeito apenas às mulheres, “grande parte da produção brasileira vinculada aos Estudos Feministas nos últimos anos se concentrou no estudo das mulheres”. A autora também argumenta que a própria questão da identidade deve ser considerada de forma fluida. Diz ela:

Tanto as identidades de gênero quanto as identidades sexuais podem ser caracterizadas pela instabilidade, sendo, portanto, passíveis de transformações. Desta forma, torna-se temerário estabelecer um momento determinado para que as identidades de gênero e as identidades sexuais sejam “instaladas” ou “assentadas” nos indivíduos (Louro, 1997). Desde que

nascemos, estamos nos constituindo como sujeitos, com múltiplas identidades (de gênero, de etnia, religiosas, sexuais, etc), embora muitas vezes estes aspectos sejam ignorados, sendo vistos apenas sob a perspectiva essencialista. (De Souza, 1995, p. 9).

O controle social sobre o corpo das mulheres e a definição de seus papéis enquanto mães e reprodutoras constituem um dos mecanismos pelos quais a mulher é enquadrada em um gênero e em uma identidade, inclusive a sexual. Na execução deste controle e desta definição sua participação em determinados espaços laborais é restringida. Giffin (1994) ressalta que a família, como instituição social, atua diretamente nesse controle, limitando a aceitação da mulher no campo da produção e reforçando a ideia de que sua identidade está atrelada à maternidade.

Além disso, a divisão sexual do trabalho é sustentada por um dualismo de gênero que associa o homem à atividade e a mulher à passividade. Segundo Giffin:

Nesta tradição, os pares contrapostos são vistos como opostos e excludentes, além de fixos nas suas diferenças. Aplicado à construção dos gêneros, o dualismo afirma, em primeiro plano, que o homem é ativo e a mulher, passiva. (Giffin, 1994, p. 151).

Esse dualismo impactou diretamente na percepção das capacidades femininas e limitou sua autonomia no trabalho. A segregação das funções no garimpo reforçaram a relação de poder que rebaixava o *status* social da mulher através do reforço à suposta desigualdade natural de gênero? No contexto do garimpo, essa lógica pode ser observada na invisibilização das mulheres que trabalham na mineração, seja pela restrição de sua presença nos espaços laborais de extração direta do minério, seja pela desvalorização de suas contribuições?

A desconstrução do gênero como atributo natural e de uma divisão sexual do trabalho baseada nele parece permitir a compreensão sobre o papel das mulheres na economia e na organização social do trabalho. Como destaca Giffin (1994), a sexualidade e os papéis de gênero devem ser entendidos como construções sociais que não podem ser reduzidas a determinismos biológicos. Dessa forma, reconhecer a presença feminina no garimpo de draga em Andaraí é essencial para questionar os impactos da divisão sexual do trabalho e contribuir para a valorização das mulheres que atuaram nesse contexto.

Essa valorização é ainda mais urgente quando consideramos a forma como a divisão sexual do trabalho, amplamente discutida na literatura, continua a estruturar desigualdades de gênero, segregando ocupações e moldando as experiências de homens e mulheres em diversos espaços de trabalho. Como apontam Almeida *et al.* (2021), essas desigualdades se manifestam não apenas na segregação ocupacional, mas também em disparidades de remuneração e na sobrecarga das mulheres com funções relacionadas ao cuidado e ao ambiente doméstico.

Nesse sentido, as normas sociais parecem desempenhar um papel significativo na definição das formas de inserção ocupacional de homens e mulheres. Como afirmam Cotrim, Teixeira e Proni (2020, p. 2), as “formas de inserção ocupacional de mulheres e homens nas sociedades contemporâneas refletem normas sociais em que se definem os papéis de gênero apropriados e esperados para cada sexo”. Essas construções sociais frequentemente impactam a visibilidade do trabalho feminino em diversas atividades econômicas, incluindo aquelas marcadas por uma forte divisão de funções.

Bruschini (2007) e Medeiros (2017) apontam que a participação feminina no mercado de trabalho ocorre de forma heterogênea, sendo comum que as mulheres se concentrem em ocupações precarizadas e com menores salários. Além disso, em períodos de crise, há indícios de que essa situação se intensifique, uma vez que se amplia a expectativa de que as mulheres assumam um maior número de compromissos familiares e econômicos, o que pode restringir suas possibilidades de atuação em determinadas atividades produtivas (Almeida *et al.*, 2021).

A literatura também sugere que a separação histórica entre os espaços produtivos e reprodutivos, consolidada no século XIX, pode influenciar a forma como o trabalho feminino é percebido. Hirata e Kergoat (2007) indicam que essa divisão direciona os homens para a esfera da produção, onde há geração de valor por meio da venda da força de trabalho, enquanto as mulheres são associadas à esfera da reprodução, cujas atividades, embora essenciais, nem sempre são reconhecidas como trabalho. Dessa forma, atividades ligadas ao cuidado e ao suporte podem ser invisibilizadas, uma vez que se situam fora da lógica produtiva tradicional.

Considerando essas discussões, a divisão sexual do trabalho contribui para a invisibilidade da participação feminina em diferentes setores, especialmente naqueles em que a separação entre funções masculinas e femininas se apresenta de forma

mais rígida. Assim, refletir sobre essas dinâmicas é relevante no processo de compreensão da participação das mulheres em espaços de trabalho historicamente masculinizados.

Neste trabalho dissertativo, investigamos uma instância dessa invisibilidade por meio da análise das relações estabelecidas entre homens e mulheres no garimpo de draga em Andaraí, atividade em que a presença feminina é pouco reconhecida, apesar de sua contribuição efetiva. A análise crítica desse fenômeno permite destacar as complexas construções sociais de gênero que moldam o acesso das mulheres a esses espaços de trabalho.

O texto de Judith Butler (2018) representa uma reflexão crítica e multifacetada sobre as construções sociais de gênero e suas implicações para a identidade feminina. Para a autora, a unidade da noção de “mulheres” é contestada pela distinção entre sexo e gênero, sugerindo que, enquanto o sexo pode parecer intratável em sua dimensão biológica, “o gênero é culturalmente construído” (Butler, 2018, p. 21).

Stuart Hall (1997) argumenta que a identidade é uma construção social contraditória, pois uma vez que não existe identidade estabelecida previamente, ela só pode ser um campo de construção contraditório e em constante disputa:

(...) o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 1997, p. 3).

Na direção dessa tese, de uma identidade que se constrói socialmente, Butler (2018) vai em busca de desconstruir a ideia de um suposto atributo fixo do gênero, sobretudo na definição do corpo feminino, argumentando que este atributo é um efeito das práticas reguladoras que materializam a coerência de gênero.

Para Butler (2018, p. 44), no entanto, “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes”; em lugar disso, é constituído por uma repetição performativa que cria a ilusão de uma substância estável, gerando um entendimento de gênero como processo contínuo de constituição. Essa perspectiva é fundamental para analisar como a divisão sexual do trabalho no contexto do garimpo contribuiu para a invisibilização das mulheres.

A discussão sobre “performatividade” é central para a crítica de Butler ao “essencialismo”. O gênero é, assim, um ato público que se manifesta por meio de uma “performance repetida”. Essa repetição, que vai além de uma simples “reencenação”, é uma forma ritualizada de legitimação e socialização que contribui para a formação de identidades de gênero (Butler, 2018, p. 187). Portanto, identificar o gênero como um vir a ser, um processo em construção e não algo fixo, como o faz Butler, implica reconhecer sua movimentação em resposta às normas sociais e culturais e a desmistificação das construções hegemônicas. Nesse contexto, Butler (2018, p. 54) reafirma, parafraseando Simone de Beauvoir: “ninguém nasce e sim torna-se mulher”, apontando que o gênero é um processo sem origem ou fim determinado.

A crítica de Butler à homossexualidade compulsória é igualmente fundamental. Ela argumenta que a “heteronormatividade” e o “falocentrismo” não representam apenas uma configuração social, mas tornam-se normas que regulam a identidade feminina ao anular diferentes experiências e formas de subjetivação. O desejo homossexual, assim, não é um dado natural, mas sim um fruto da imposição de estruturas regulatórias que delimitam o dizível e o indizível, legitimando certas formas de desejo em detrimento de outras (Butler, 2018, p. 11).

A obra de Judith Butler (2018) oferece um arcabouço teórico robusto para a desconstrução das concepções fixas de gênero e enfatiza a importância da crítica discursiva na luta por identidades mais fluidas e emancipadoras. Sua análise permite que novas formas de subjetivação e resistência surjam, ampliando as possibilidades de ser dentro de um sistema que, embora regulador, também é permeável a transformações e reinterpretações. Assim, a performatividade de gênero se configura não apenas como um conceito, mas como um dispositivo político e social que desafia as normas estabelecidas e aponta para um futuro de expansão das identidades.

Enquanto as mulheres não conquistarem plena autonomia, rompendo com as concepções rígidas que definem gênero e sexo, sua inserção em espaços de poder na divisão sexual do trabalho permanecerá restrita. A estrutura social vigente não só delimita os papéis considerados apropriados para cada gênero, como também estabelece barreiras concretas à ascensão das mulheres em diversas esferas. Mesmo diante de avanços, a naturalização das hierarquias de gênero impede o reconhecimento pleno das mulheres como sujeitos legítimos de autoridade e decisão. Portanto, sem uma desconstrução efetiva dessas concepções, o acesso das mulheres

ao poder continuará condicionado a expectativas e restrições que reafirmam sua subordinação.

Louro (2007), reforça a compreensão do gênero e da sexualidade como construções culturais, sociais e históricas, sujeitas a constantes ressignificações. Ao recuperar a ideia de que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" de Beauvoir, a autora destaca que o gênero não é uma essência natural, mas um produto das normas e práticas sociais que são incorporadas ao longo da vida.

Essa construção social reflete-se diretamente nas desigualdades econômicas entre homens e mulheres, sobretudo no que diz respeito à valorização da força de trabalho. Como aponta Carvalho (2017, p. 03), "em média, os homens ganham cerca de 40% a mais que as mulheres (dados de 1997), o que afeta a oferta de mulheres no mercado de trabalho e compromete seu papel de provedoras de renda das famílias."

No contexto do garimpo, a masculinidade é frequentemente associada a atributos como força física, coragem e liderança, o que leva à exclusão ou minimização do papel das mulheres nesse cenário. Embora tenham historicamente participado da atividade garimpeira, suas contribuições são frequentemente subestimadas ou invisibilizadas. Essa marginalização pode ser compreendida dentro de uma lógica de naturalização dos papéis de gênero, em que determinadas atividades econômicas são historicamente categorizadas como femininas ou masculinas. Nesse sentido, o garimpo, por envolver trabalho árduo e extenuante, é socialmente construído como um espaço predominantemente masculino¹.

Louro (2007) chama a atenção para a pluralidade das identidades femininas e masculinas, evidenciando que, ao longo do tempo, as mulheres têm contestado essas construções rígidas de gênero. No entanto, no contexto do garimpo, essa contestação ainda encontra limites, muitas vezes impostos pela persistência das normas culturais

¹ Rodrigues (1992) em *Mulheres do Ouro* analisa como as relações de gênero no garimpo naturalizam papéis que excluem ou marginalizam as mulheres, atribuindo-lhes funções de suporte enquanto os homens são vistos como os protagonistas da atividade mineradora. Da mesma forma, Jesus (2019) em *Garimpo de Silêncios* evidencia como as contribuições das mulheres são frequentemente invisibilizadas, mesmo quando desempenham papéis essenciais, reforçando a ideia de que o garimpo é socialmente construído como um espaço predominantemente masculino. Além disso, Borges (2005) discute a persistência das relações de gênero no setor minerador, enquanto a perspectiva teórica de Butler (2018) fornece subsídios para compreender como as construções sociais sobre masculinidade e feminilidade perpetuam a exclusão da mão de obra das mulheres. Essas referências apoiam o argumento de que, no contexto do garimpo, a associação da masculinidade a atributos como força física e liderança resulta na marginalização das mulheres e na desvalorização de suas contribuições.

que reforçam o machismo e as desigualdades de gênero. A visibilização das mulheres nas atividades econômicas marginalizadas, como o garimpo, exige, portanto, um olhar mais atento às formas de resistência que emergem nesses espaços e às estratégias que elas utilizam para subverter as normas de gênero impostas.

Louro (2007) também nos convida a refletir sobre o papel das instâncias culturais, como a mídia e as instituições sociais, na construção e manutenção dessas normas:

Hoje, tal como antes, a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas. (Louro, 2007, p. 21).

A invisibilidade das mulheres no garimpo resulta de um sistema cultural mais amplo que naturaliza certos espaços de trabalho como masculinos, enquanto o trabalho feminino é frequentemente restrito à esfera doméstica ou invisibilizado nas atividades produtivas.

2.2 A mineração e o garimpo de draga

A mineração, enquanto atividade econômica, envolve a exploração de recursos minerais com o intuito de extrair substâncias de valor comercial, como metais, pedras preciosas e outros minerais. No Brasil, a mineração é um dos pilares da economia, representando não apenas uma importante fonte de exportação, mas também um motor de desenvolvimento industrial e infraestrutura (INSTITUTO MINERE, 2023).

A legislação brasileira, especialmente o Código de Mineração (Decreto-Lei nº 227/1967), regula as atividades minerárias no país, estabelecendo diretrizes para a exploração de minérios e a preservação ambiental. Cabe salientar, já aqui, que, segundo Hoefflich e Trzaskos (2015), em análise comparativa entre o Código de Mineração vigente desde 1967 e o Substitutivo ao Projeto de Lei nº 37/2011, mesmo diante dos avanços tecnológicos e das transformações no cenário econômico global, a legislação minerária manteve-se essencialmente inalterada por quase cinco décadas, sofrendo atualizações apenas por meio de decretos, instruções normativas e portarias.

No entanto, a crescente preocupação global com a sustentabilidade e a degradação ambiental levou à formulação de diversos tratados e conferências internacionais, como a Conferência de Estocolmo (1972) e a Rio-92, que influenciaram diretamente as políticas ambientais nacionais (Matta, 2006).

No Brasil, essa nova ordem econômica-ambiental ganhou mais força nos anos 1980, quando, segundo Matta (2006), promulgou-se a Lei 6.938/1981, que criou a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), estabelecendo diretrizes para a conservação dos recursos naturais e a regulação das atividades econômicas potencialmente poluidoras. Além disso, a Resolução do CONAMA n.º 001/86 tornou obrigatória a realização de Estudos de Impacto Ambiental (EIA) para determinadas atividades produtivas, incluindo a mineração.

Essas regulamentações foram fundamentais para mitigar os efeitos negativos do garimpo, que historicamente operava sem um planejamento sustentável e sem considerar os danos à fauna, flora e aos cursos d'água. Contudo, conforme Matta (2006), a implementação dessas políticas na prática nem sempre ocorreu de maneira eficaz, especialmente em regiões economicamente dependentes da extração mineral, como a Chapada Diamantina.

Os desafios da fiscalização, a resistência de grupos econômicos e a falta de alternativas sustentáveis para os trabalhadores do garimpo dificultaram a transição para um modelo ambientalmente mais responsável. Isso evidencia a necessidade de conciliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental por meio de políticas públicas que promovam a regulamentação, o acesso a tecnologias menos impactantes e a valorização de práticas sustentáveis na mineração.

O garimpo pode ser caracterizado como uma atividade de mineração artesanal ou de pequena escala, cuja principal distinção em relação à mineração industrial é a ausência de tecnologia sofisticada e a menor utilização de maquinário pesado. O garimpo ocorre frequentemente de forma manual ou com o auxílio de ferramentas simples, e, em alguns casos, pode envolver a utilização de equipamentos mais avançados, como no caso do garimpo de diamantes, onde são utilizados mergulhadores ou dragas para a remoção de sedimentos (Barreto, 2000). Em termos operacionais, o garimpo abrange tanto a exploração de depósitos primários quanto secundários, sendo que os depósitos secundários, como os aluviões, são mais comumente explorados por garimpeiros.

O garimpo de draga, especificamente, é uma prática que utiliza equipamentos mecanizados para a remoção de sedimentos em leitos de rios ou lagos, visando a extração de minerais preciosos, como o ouro. A draga é um tipo de máquina que permite a escavação de grandes volumes de terra e sedimentos a partir de uma base aquática, processo que, embora aumente a produtividade, também acarreta significativos impactos ambientais, como o assoreamento de rios e a degradação de ecossistemas aquáticos (Santos *et al.*, 2010).

O município de Andaraí, localizado na Chapada Diamantina, Bahia, possui uma história marcante de exploração mineral, com destaque para a extração de diamantes. A atividade garimpeira na região remonta ao período colonial, quando os primeiros garimpeiros iniciaram a exploração dos depósitos aluvionares de diamantes encontrados nos leitos dos rios e nas encostas da Serra do Sincorá. Esses depósitos foram formados ao longo de milhões de anos pela erosão das rochas diamantíferas da serra e pelo transporte dos diamantes pelos cursos d'água (Svisero, 1995; Pereira, 2010).

Para Matta (2026) a ocupação da Chapada Diamantina esteve ligada à extração mineral, inicialmente com o ouro em Rio de Contas e Jacobina e, posteriormente, com os diamantes nas Lavras Diamantinas. A atividade garimpeira, que se tornou tradição secular na região, influenciou a economia, a sociedade e o meio ambiente dos municípios locais. O desconhecimento dos minerais pelos povos originários retardou a exploração de riquezas pelos europeus, mas a busca por metais preciosos levou homens livres e sem posses a se aventurarem em áreas remotas, desenvolvendo uma cultura própria marcada pela marginalização e resistência (DNPM, 1993).

A primeira descoberta oficial de diamantes na Bahia ocorreu em 1844, quando José Pereira Prado, com auxílio de seu afilhado Cristiano Pereira do Nascimento, encontrou as pedras nos rios Cumbuca e Mucugê. Essa descoberta gerou um grande fluxo migratório, elevando a população local para mais de 25 mil habitantes em poucos meses. A região passou a ser dominada por elites influenciadas pela cultura europeia, refletida na arquitetura e no estilo de vida das famílias mais ricas. No entanto, diferentemente de Mucugê e Lençóis, Andaraí não se destacou pelos latifúndios, permitindo uma menor desigualdade social entre os garimpeiros (MATTA, 2006).

O auge da extração diamantífera durou cerca de 25 anos, mas entrou em declínio a partir de 1871 devido à concorrência com as jazidas sul-africanas e à baixa produtividade dos métodos rudimentares de extração. Apesar disso, a descoberta do carbonado impulsionou temporariamente a economia, principalmente na fabricação de brocas para a abertura do Canal do Panamá. Em 1895, foi encontrado em Lençóis o maior carbonado do mundo, o “Carbonado do Sérgio”, com 3.167 quilates.

No início do século XX, houve uma breve recuperação do garimpo, mas a partir de 1920 a atividade voltou a declinar devido à exaustão das reservas e à queda dos preços internacionais. O colapso do setor resultou na migração da população para o sul do Brasil e Mato Grosso. No entanto, o garimpo permaneceu enraizado na cultura local, tornando difícil a adaptação a outras atividades econômicas. Como aponta Matta (2006), “a identidade do garimpeiro transcende a atividade econômica e se manifesta na cultura, nas relações sociais e no imaginário coletivo”. Assim, mesmo com o declínio da mineração, a Chapada Diamantina segue profundamente ligada à sua história garimpeira.

De acordo com Svisero (1995) e Pereira (2010), os processos erosivos e a evolução morfogenética na Chapada Diamantina favoreceram a dispersão dos diamantes, formando jazidas secundárias ao longo do rio Paraguaçu, que servem de base para a mineração garimpeira em Andaraí. Essa atividade extrativista intensiva gera impactos socioambientais significativos – como a degradação dos ecossistemas hídricos e do solo – que vão além dos danos ambientais, acentuando desigualdades sociais.

No contexto do garimpo, marcado por uma lógica de masculinidade associada ao trabalho pesado e aos espaços de poder, as mulheres – tradicionalmente vinculadas ao cuidado do lar e à preparação dos alimentos – enfrentavam uma sobrecarga invisibilizada, agravada pelos impactos ambientais. A degradação da água e a erosão do solo nas proximidades dos acampamentos², por exemplo, levava muitas delas a percorrer maiores distâncias até rios e riachos em melhores condições para coletar água, tornando suas jornadas mais exaustivas. Esse único dado indica que os danos ao meio ambiente não afetavam a todos de forma igual, recaindo de maneira

² Em um trecho da entrevista concedida por “Maria” ela relata o seguinte: “A água tá ficando suja, a terra não dá mais pra plantar. Eu passo o dia inteiro carregando água, cuidando dos filhos e ainda tenho que me preocupar com a comida. O trabalho no garimpo é sujo e arriscado, mas nós temos que fazer nossa parte sem reclamar (SANTOS, 2025).

desproporcional sobre as mulheres e ampliando o peso do trabalho doméstico. Diante disso, a relação entre os impactos socioambientais da mineração em Andaraí e as desigualdades de gênero pode ser um campo fértil para reflexões sobre a marginalização e a invisibilidade das contribuições femininas nesse contexto.

Segundo Matta (2006), a exploração de diamantes (processo de extração desse mineral valioso do solo) pode ser classificada em três tipos principais: a lavra industrial, a manual ou artesanal e a garimpagem. A lavra industrial caracteriza-se pelo uso de maquinários pesados e tecnologia avançada para a extração do minério em grande escala, geralmente envolvendo empresas com alto investimento de capital. Esse modelo opera em minas primárias ou secundárias e segue rígidos padrões técnicos e ambientais, visando maximizar a produção e minimizar desperdícios. Sua estrutura inclui sondagens geológicas, planejamento estratégico e controle de impactos ambientais, diferenciando-se dos métodos de menor complexidade.

Já a exploração manual ou artesanal, voltada para a extração em pequena escala, subdivide-se em três modalidades: a lavra por fiação, a lavra em regime de permissão de lavra garimpeira (PLG) e a lavra comunitária. A fiação é realizada de forma individual ou em pequenos grupos, geralmente de maneira informal, utilizando instrumentos rudimentares. A PLG, regulamentada pelo Estado, permite a atuação de pequenos mineradores organizados legalmente. A lavra comunitária, por sua vez, busca o trabalho coletivo em áreas delimitadas, com apoio governamental e normas específicas. Por fim, a garimpagem é a forma mais rudimentar e desorganizada, caracterizando-se pelo trabalho manual sem regulamentação, muitas vezes associado a impactos ambientais significativos e precarização das condições de trabalho.

A partir do século XIX, a exploração de diamantes em Andaraí se intensificou, com a introdução de técnicas de lavra mais avançadas, como o uso de dragas. Durante o auge da mineração, o município se tornou um dos maiores produtores de diamantes do Brasil, o que atraiu uma grande quantidade de migrantes e investidores. A atividade garimpeira foi, portanto, uma das principais responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento de Andaraí, principalmente a Vila de Igatu, que: “teve no extrativismo mineral e vegetal, especialmente no garimpo de diamantes sua principal fonte de renda, hoje quase totalmente substituída pelo turismo (...)” (Santos *et. al.*, 2010, p. 4).

Matta (2006) corrobora a ideia de que a introdução de dragas, ocorrida no final dos anos 1970, representou uma mudança significativa na extração mineral, revitalizando a economia garimpeira. No entanto, essa modernização não ocorreu sem consequências: o avanço tecnológico veio acompanhado de altos custos ambientais, conflitos e impactos socioambientais. Dessa forma, para Matta, a chegada das dragas na Chapada Diamantina não só transformou a técnica de extração, mas também desencadeou reações e problemas ambientais de grande relevância para a sociedade de Andaraí.

Moreira & Couto (1993), citados por Matta (2006), registram que a introdução das dragas não representava um esgotamento definitivo dos recursos minerais. Pelo contrário, pesquisas realizadas pela CBPM demonstraram a continuidade da potencialidade diamantífera, garantindo o interesse prolongado dos garimpeiros. No início dos anos 1980, havia pessoas que controlavam mais de 30 dragas na região, evidenciando a força desse setor econômico.

Enquanto o garimpo mecanizado se consolidava, o turismo começava a despontar na Chapada. O movimento ambientalista, fortalecido globalmente, encontrou no impacto das dragas um argumento para exigir medidas protetivas. Foi nesse contexto que surgiu o Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado em 1985. De acordo com Matta (2006), o fechamento de territórios à exploração mineral marcou o início de um embate entre a tradição e a nova ordem ambiental.

A situação tornou-se ainda mais complexa com a promulgação da Lei nº 7.805/1989, que extinguiu o regime de matrícula dos garimpeiros. Antes, bastava obter um certificado municipal para trabalhar de forma regular. A nova legislação impôs exigências burocráticas que poucos conseguiram cumprir, tornando muitos trabalhadores ilegais. Como destaca Matta (2006), a marginalização da atividade mineradora não significou sua erradicação, mas sua permanência em condições ainda mais precárias.

Essa crescente ilegalidade culminou na ação civil do Ministério Público, que em 1993 resultou no fechamento de diversos garimpos pela justiça local. A Comarca de Andaraí tornou-se um marco nessa repressão. O impacto social dessa decisão foi profundo, pois a extinção do garimpo não foi acompanhada por alternativas viáveis, gerando desemprego e resistência por parte das comunidades afetadas (MATTÁ, 2006).

O fechamento dos garimpos entre 1996 e 1998 e a ascensão do turismo transformaram a Chapada Diamantina em um território de disputa entre preservação ambiental e sobrevivência econômica. Embora o turismo tenha se consolidado como alternativa, não absorveu toda a mão de obra garimpeira, evidenciando os desafios de conciliar desenvolvimento sustentável, proteção ambiental e justiça social (Matta, 2006). A paralisação da exploração gerou uma onda de desemprego e desestruturação social, com muitas famílias deixando a região em busca de novas oportunidades de trabalho (Santos *et al.*, 2010).

A atividade garimpeira em Andaraí teve profundas implicações econômicas, especialmente no que diz respeito à criação de empregos diretos e indiretos. Durante os períodos de maior exploração, o garimpo proporcionou um sustento para muitas famílias, tanto por meio da extração de diamantes quanto pela oferta de serviços relacionados à mineração, como transporte, alimentação e comercialização (LIMA *et al.*, 2022). No entanto, a falta de regulamentação adequada e o alto grau de informalidade geraram um mercado de trabalho precário, com jornadas de trabalho extenuantes e pouca ou nenhuma garantia de direitos trabalhistas.

A interdição do garimpo afetou drasticamente a economia local, uma vez que a atividade mineradora era a principal fonte de renda para grande parte da população. O fechamento das minas causou um aumento significativo no desemprego e gerou uma série de problemas sociais, como o aumento da pobreza e da marginalização (Santos *et al.*, 2010). Embora o turismo tenha sido identificado como uma alternativa econômica, sua implementação não foi suficiente para compensar as perdas causadas pela suspensão da mineração.

Os impactos sociais da mineração em Andaraí são extensos e multifacetados. A intensa migração de trabalhadores e suas famílias para a região, atraídos pela perspectiva de lucros rápidos, resultou em uma mudança significativa na composição demográfica da cidade. O boom populacional, aliado ao crescimento desordenado da urbanização, gerou problemas de infraestrutura, como a falta de saneamento básico e de serviços públicos essenciais (LIMA *et al.*, 2022).

Além disso, a atividade garimpeira também alterou profundamente a estrutura social local. Por um lado, o garimpo promoveu a criação de novas formas de organização comunitária, como as cooperativas de garimpeiros, que buscavam a regulamentação da atividade e a melhoria das condições de trabalho. Por outro lado,

a informalidade e a ilegalidade de muitas operações geraram conflitos sociais, tanto entre os próprios garimpeiros quanto entre estes e os órgãos governamentais responsáveis pela fiscalização ambiental e trabalhista (SVISERO, 1995).

Os efeitos psicológicos da atividade mineradora também foram notáveis. A precariedade das condições de trabalho e a instabilidade econômica provocaram um aumento nos índices de problemas de saúde mental, como depressão e alcoolismo, especialmente entre os trabalhadores mais antigos, que viveram as dificuldades geradas pela interdição do garimpo (Santos *et. al.*, 2010). Essas questões sociais permanecem um desafio para a recuperação da região e para a promoção de um desenvolvimento que contemple a qualidade de vida de seus habitantes.

A atividade garimpeira em Andaraí, que foi fundamental para o crescimento econômico e populacional da região, também deixou um legado de desafios sociais e ambientais. Na época, buscou-se atenuar os danos decorrentes da mineração por meio de medidas como a regulamentação da atividade, o fortalecimento das cooperativas de garimpeiros e o incentivo a práticas alternativas de geração de renda, sempre acompanhados de um planejamento voltado à recuperação ambiental e à melhoria das condições de vida da população local. A história de Andaraí evidencia a complexidade da atividade mineradora e a necessidade de equilibrar os benefícios econômicos com os impactos sociais e ambientais gerados, demonstrando os esforços empreendidos para mitigar os efeitos adversos desse processo (BORGES, 2005).

Os impactos ambientais do garimpo artesanal na Chapada Diamantina são profundos e afetam diversos aspectos do ecossistema local. Entre os principais danos, segundo Matta (2006), destacam-se o assoreamento das bacias hidrográficas, a perda de solo, o desvio das redes de drenagem natural, o impacto sobre os aquíferos e nascentes, a formação de voçorocas e a destruição da vegetação. Além disso, o garimpo deixa sucatas e lixo nas frentes de serviço abandonadas, o que agrava ainda mais a degradação ambiental, afetando também a fauna local e comprometendo a qualidade visual da região.

O uso de dragas, que se intensificou nos últimos tempos, exacerbou esses impactos ambientais, tornando-os ainda mais agressivos e de maior escala, quando comparados aos danos causados pelo garimpo artesanal. O funcionamento mecanizado das dragas promove alterações ambientais severas, que, em unidades

de área, superaram os danos do garimpo tradicional. Essa situação ocorreu em um contexto de crescente conscientização global sobre os problemas ambientais, o que reforça a necessidade de responsabilizar as dragas como as principais causadoras da degradação na Chapada (Matta, 2006).

Apesar de o garimpo artesanal já ter causado modificações significativas no meio físico da Chapada, o impacto das dragas foi ainda mais devastador. Para Matta (2006):

As alterações ambientais provocadas pelas dragas, além de serem por unidade de área mais impactantes que o garimpo artesanal, aconteceram justamente quando o mundo aguçava suas percepções contra as atividades agressoras do meio. Evidentemente, as dragas teriam que ser responsabilizadas como as principais degradadoras da Chapada (MATTA, 2006, p. 139).

O ambiente, já alterado pelo garimpo manual, enfrentou uma degradação acelerada com o uso das dragas, em um momento em que a sociedade começava a se tornar mais exigente em relação à preservação ambiental. Se as dragas tivessem alcançado uma quantidade de garimpeiros semelhante à dos períodos de maior extração de diamantes, os danos poderiam ter sido irreversíveis, com a Chapada transformada em um cenário de lagoas artificiais contaminadas, o que evidencia a urgência de uma reflexão crítica sobre os efeitos dessa atividade (MATTA, 2006).

Apesar do crescimento econômico gerado, a mineração trouxe desafios ambientais e sociais. A falta de políticas de recuperação e fiscalização agravou os danos à natureza e afetou os garimpeiros, que, com a decadência da mineração, buscaram novas fontes de sustento. Em Andaraí, o declínio da mineração gerou a necessidade de alternativas, como o turismo ecológico, para diversificar a economia. O turismo, junto com políticas públicas de capacitação e recuperação ambiental, tornou-se uma alternativa viável para superar a dependência da mineração.

O debate sobre mineração e meio ambiente continua sendo central, com o desafio de equilibrar desenvolvimento e sustentabilidade. A revalorização dos garimpos históricos como pontos turísticos pode manter viva a memória da mineração, sem explorar os recursos naturais de forma predatória. A experiência de Andaraí evidencia a importância de políticas públicas que promovam uma transição econômica

sustentável, garantindo inclusão social e preservação ambiental. O futuro da Chapada Diamantina dependerá das escolhas feitas em relação à mineração e seus impactos.

2.3 A participação das mulheres no garimpo

Rodrigues (1992), ao estudar a atividade garimpeira na região do Tapajós, no Pará, observa que o acesso ao garimpo ocorre frequentemente por meio de estruturas sociais como a família, a vizinhança ou as relações de afinidade. Para ingressar no garimpo, os trabalhadores precisam do aval de alguém já estabelecido na atividade, geralmente um membro do grupo doméstico, como um parente próximo. Embora esse processo de ingresso se aplique tanto a homens quanto a mulheres, as mulheres enfrentam uma barreira adicional: não têm acesso direto às áreas de mineração. Muitas delas, antes de ingressarem nas atividades garimpeiras, permanecem em localidades vizinhas, onde constroem redes sociais essenciais para a inserção na economia do garimpo.

Rodrigues (1992) observa que o garimpo é amplamente visto como um ambiente sem regras, caracterizado pela violência e marginalidade social. Esse estigma contribui para a construção social do garimpo como um território predominantemente masculino, onde se presume que a força física e a resistência sejam necessárias para lidar com suas dificuldades. Nesse contexto, as mulheres que ingressaram no garimpo geralmente o fizeram com sentimentos de medo e cautela, que diminuem à medida que se familiarizam com o ambiente. Para muitas, o garimpo era uma opção motivada por uma vulnerabilidade socioeconômica extrema, sendo uma alternativa para atender a necessidades urgentes e oferecer melhores condições de vida para suas famílias.

Além disso, Rodrigues (1992) aponta que a maioria das mulheres que ingressaram no garimpo tinha a intenção de permanecer temporariamente, com o objetivo de acumular recursos para retornar às suas cidades de origem. No entanto, muitas enfrentaram dificuldades, como o endividamento devido aos altos custos de deslocamento e instalação, o que acabou restringindo sua mobilidade. Mesmo assim, o garimpo se apresenta como um espaço de flexibilidade ocupacional, permitindo que mulheres que inicialmente trabalhavam em boates ou em serviços de entretenimento,

por exemplo, passassem a investir na mineração, adquirindo equipamentos, contratando equipes e gerenciando a extração de minério.

A inserção das mulheres no processo produtivo do garimpo, especialmente na extração e beneficiamento de minérios, também ocorreu através de mediação social, de forma semelhante ao ingresso geral no garimpo. Em sua maioria, aquelas que se envolveram diretamente na mineração iniciaram suas atividades trabalhando com familiares, como pais, irmãos ou maridos. No entanto, havia exceções, como mulheres ligadas às atividades de entretenimento masculino ou à prostituição, que muitas vezes operavam de maneira mais autônoma. Assim, a participação feminina no garimpo, seja em funções centrais ou auxiliares, está profundamente entrelaçada com as relações sociais e econômicas que predominam nesse ambiente.

A pesquisa de Jesus (2019) explora a participação feminina na mineração, com ênfase na pequena mineração, o garimpo, destacando sua invisibilidade histórica, as condições precárias de trabalho e a sobrecarga imposta pela divisão sexual do trabalho. A autora argumenta que, historicamente, a mineração foi encarada como uma atividade essencialmente masculina, o que resultou na marginalização das mulheres nesse setor. No entanto, estudos revelam que as mulheres sempre estiveram presentes, embora frequentemente desempenhassem funções subestimadas e rotuladas como “leves”. Essa classificação, na verdade, oculta as exigências físicas e as condições insalubres do trabalho realizado por elas (JESUS, 2019).

A precariedade das condições de trabalho é um tema central na análise de Jesus (2019) sobre o papel das mulheres no garimpo. As “faiscadoras” — mulheres responsáveis por reprocessar rejeitos minerais à procura de pequenas gemas ou minérios de valor — exemplificam essa dinâmica de exploração. Essas trabalhadoras, muitas vezes acompanhadas por crianças e idosos, eram constantemente vigiadas por compradores que se aproveitavam da informalidade e da vulnerabilidade da atividade.

Jesus (2019) apresenta estudos sobre a mineração em diferentes contextos que apontam as condições degradantes às quais as mulheres foram submetidas, como exposição ao sol e à chuva, falta de equipamentos de proteção e elevada incidência de problemas de saúde, como lesões musculares e doenças respiratórias. Ao falar sobre o garimpo do ouro, Jesus (2019) chama a atenção para a exposição

direta das mulheres ao mercúrio, substância altamente tóxica, representando uma ameaça significativa à saúde das trabalhadoras.

Outro aspecto relevante trazido por Jesus (2019) é a sobrecarga das mulheres, que acumulam o trabalho no garimpo com as tarefas domésticas. O caráter familiar da atividade mineradora reforça essa dupla jornada, pois as mulheres, além de contribuírem economicamente, seguiam sendo as principais responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos. Essa condição limitou a permanência feminina na atividade extrativa e reforçou a desigualdade de gênero.

A informalidade agrava essa situação, pois as mulheres trabalhavam sem proteção trabalhista e muitas vezes sem remuneração direta, dependendo dos achados eventuais de minérios. Essa instabilidade as tornou ainda mais vulneráveis à exploração, impedindo sua ascensão na hierarquia do garimpo e perpetuando a lógica de subordinação econômica (JESUS, 2019).

A análise de Jesus (2019) também revela que, apesar das condições adversas, as mulheres desempenharam um papel fundamental na manutenção das famílias garimpeiras. Contudo, essa contribuição não se traduz em reconhecimento social ou melhores condições de vida. Pelo contrário, a desvalorização do trabalho feminino no setor mineral é uma estratégia utilizada para reduzir custos e maximizar lucros.

A precarização do trabalho feminino no garimpo reflete um problema estrutural mais amplo: a persistência da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Em momentos de crise econômica, a mão de obra feminina é utilizada como um “recurso emergencial”, mas sem garantir direitos ou melhorias nas condições de trabalho. Essa lógica reforça a ideia de que o trabalho das mulheres é apenas um complemento à renda familiar, mesmo quando são elas as principais provedoras (JESUS, 2019).

Apesar da opressão e da invisibilidade, as mulheres resistiram às adversidades e desenvolveram estratégias para permanecerem na atividade garimpeira. A divisão sexual do trabalho é uma construção social que pode ser alterada conforme as demandas econômicas e sociais. Jesus (2019), todavia, conclui que a participação feminina continua sendo invisibilizada, mas ainda é essencial para a sobrevivência do setor.

Para ela, portanto, reconhecer e valorizar esse trabalho é um passo fundamental para garantir melhores condições para as mulheres garimpeiras. O reconhecimento dessas trabalhadoras não deve se limitar à aceitação de sua

presença no garimpo, mas deve envolver a criação de políticas públicas que garantam melhores condições de trabalho, proteção social e valorização econômica do seu trabalho. Somente assim será possível romper com a lógica da exploração e promover maior equidade no setor mineral (Jesus, 2019).

Jesus (2019) apresenta as ocupações exclusivamente femininas no garimpo da região das Lavras Diamantinas:

Dona de prostíbulo, pensionista, hoteleira, atendente, quitandeira, dona de bar, dona de banda de músico, vendedora de lenha, criadora de animais (galinha), fazendeira, feirante, alqueladora (negociante de animais de carga), fornecedora, garimpeira, dona de garimpo, capangueira. (Jesus, 2019, p. 128).

Percebe-se que as mulheres assumem atividades econômicas diversas, muitas ligadas diretamente ao mundo doméstico e outras que eram consideradas masculinas. Todavia, para Jesus (2019), as mulheres não apenas forneciam suporte financeiro estável através de suas iniciativas, como também desempenhavam papéis estratégicos no garimpo. Havia casos em que mulheres como Dona Maria, mencionada por Sales (1956), não só financiavam diretamente as operações de garimpo de seus maridos, mas também administravam as vendas dos diamantes, assumindo assim um papel de liderança econômica no seio familiar (Jesus, 2019).

Essas mulheres não apenas enfrentavam os desafios econômicos do garimpo, mas também exerciam autonomia ao tomar decisões cruciais para o sustento do lar, demonstrando uma resiliência e uma capacidade empreendedora que frequentemente são subestimadas pela sociedade. Como argumentou Jesus (2019) se referindo a Dona Maria:

Provavelmente a decisão de ela mesma vender as pedras tenha se constituído numa forma de evitar que o dinheiro fosse desviado para a prostituição e/ou bebedeiras, mas também era uma forma de exercer o seu papel de fornecedora (Jesus, 2019, p. 130).

As mulheres das Lavras Diamantinas desempenharam um papel essencial não apenas como provedoras econômicas, mas como agentes de resistência e adaptação em um ambiente dominado por desigualdades de gênero. Suas contribuições não só mantiveram as famílias durante períodos de crise econômica, mas também

desafiaram normas sociais ao ingressar no garimpo como fornecedoras e gestoras de recursos financeiros, mostrando uma face pouco explorada da história econômica e social da região (Jesus, 2019).

As representações sociais que associam o garimpo à força, destemor e virilidade criaram barreiras para a participação feminina, levando muitas mulheres a adotarem características e comportamentos que as aproximassem dos padrões masculinos aceitos. Essa imposição reforça um pensamento social generificado, no qual a visibilidade feminina no garimpo só se tornava possível à custa da negação de sua feminilidade, como evidenciado na construção de figuras como as “mulheres de punhal” ou “mulheres machos”, que precisavam desempenhar papéis tradicionalmente atribuídos aos homens para serem aceitas nesse contexto (Jesus, 2019).

Jesus (2019) discute a construção de imagens negativas em torno das mulheres garimpeiras, frequentemente rotuladas como prostitutas ou masculinizadas. Essa estigmatização se deve, em parte, ao fato de que o garimpo exigia um afastamento do ambiente doméstico, o que contrariava os padrões morais da época. Segundo Barrozo (2007), muitas mulheres adotavam comportamentos e vestimentas masculinas como estratégia de aceitação e respeito no meio minerador. No entanto, esse esforço para se inserir no garimpo era frequentemente interpretado como um desvio moral, reforçando a marginalização social dessas trabalhadoras.

Entretanto, como argumenta Jesus (2019), essa adaptação não significa uma aceitação passiva da lógica patriarcal que rege o trabalho no garimpo, mas sim uma forma de contestação silenciosa e ressignificação das relações de gênero. Muitas mulheres não apenas adentraram esse universo, mas também desempenharam funções de prestígio, como financiadoras de serviços de garimpagem, desafiando a ideia de que a mineração era uma ocupação exclusivamente masculina.

O caso de Maria Dusá, apresentado por Jesus (2019), ilustra como a presença feminina foi moldada por narrativas que buscavam enquadrá-las dentro de valores cristãos e moralizantes, mas que, na prática, evidenciam a capacidade das mulheres de romper com os estereótipos e ocupar espaços historicamente negados a elas. No romance de Lindolfo Rocha (2001):

(...) ambientado na segunda metade do século XIX (portanto no auge da extração diamantífera), na então Vila de Igatu, retratou a história de uma

prostituta enriquecida, que após investir em serviços de garimpagens prosperou também nesta atividade. O romance, embora tenha o mérito de ter referenciado pioneiramente a presença feminina no garimpo, pautou esta inserção tendo por base valores cristãos. (Jesus, 2019, p. 133).

Jesus (2019) destaca que, embora a presença feminina na mineração tenha sido registrada desde o período colonial, as mulheres enfrentaram desafios significativos para serem reconhecidas como parte integrante da atividade garimpeira. Para Jesus (2019), Figueiredo (1993) apontou que, apesar da ausência de impedimentos formais, o trabalho pesado do garimpo fora considerado por “predileção” masculino, relegando as mulheres a funções auxiliares, como carregamento de gamelas. No entanto, Jesus (2019) enfatiza que, com a decadência da mineração, mulheres passaram a assumir o controle de minas abandonadas, demonstrando um protagonismo que desafia as narrativas hegemônicas sobre sua participação no setor.

Todavia, Jesus (2019), argumenta que ao contrário da visão de complementariedade da mão de obra feminina defendida por Figueiredo (1993), Paiva (2003) argumenta que as mulheres não apenas participaram, mas se especializaram na mineração, tanto na África quanto no Brasil. Segundo Jesus (2019), a experiência técnica das mulheres negras, especialmente as “Negras Minas”, foi reconhecida pelos mineradores, que as valorizavam por sua suposta habilidade quase mística na descoberta de ouro. Essa valorização, no entanto, não eliminou as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no garimpo, onde o preconceito e a desigualdade de gênero parecem ser estruturais.

A inserção feminina na mineração também foi atravessada por proibições e crenças que reforçavam sua exclusão do setor. Conforme Caleiro e Rodrigues (2007), destacadas por Jesus (2019), além das duras condições físicas do trabalho, havia uma construção simbólica que via a presença feminina como ameaça ao rendimento dos trabalhadores masculinos. Superstições presentes nas comunidades mineradoras associavam a presença de mulheres à má sorte e ao desaparecimento de diamantes, justificando a marginalização das mulheres no ambiente garimpeiro. Esse discurso de exclusão se somava às noções de que o garimpo desviaria as mulheres de suas funções domésticas e familiares.

Apesar das adversidades, as mulheres mineradoras desenvolveram redes de solidariedade que possibilitaram sua permanência na atividade. Chalhoub (2001), citado por Jesus (2019), argumenta que tais redes foram essenciais para equilibrar a sobrevivência dessas trabalhadoras, que precisavam lidar tanto com a exploração econômica quanto com a opressão de gênero. Nesse contexto, a participação feminina na mineração não pode ser vista apenas como complementar, mas como fundamental para a economia mineradora. Assim, Jesus (2019) ressalta que a presença feminina no garimpo desafia a narrativa de exclusão e evidencia a resiliência e resistência das mulheres nesse setor historicamente masculinizado.

Jesus (2019) demonstra que a participação das mulheres no garimpo sempre esteve atravessada por uma divisão generificada do trabalho, que determinava funções distintas para homens e mulheres. Muitas mulheres se inseriam na garimpagem de maneira velada, sem o consentimento de seus maridos, equilibrando suas atividades entre o garimpo e o trabalho doméstico. O testemunho de Dona Mariana ilustra essa realidade.

Proibida pelo marido de garimpar, ela o fazia às escondidas, revelando a presença constante, porém pouco reconhecida, das mulheres nessa atividade. Essa inserção, no entanto, raramente se dava em condições iguais às dos homens, sendo sempre marcada pela precariedade e pela necessidade de conciliar outras responsabilidades sociais (Jesus, 2019).

Outro aspecto que reforça a invisibilização das mulheres no garimpo está na forma como o trabalho infantil foi incorporado a essa dinâmica. Enquanto as crianças do sexo masculino eram prontamente absorvidas na atividade, as meninas também participavam, mas de maneira menos documentada. O depoimento das entrevistadas evidencia que muitas delas iniciaram no garimpo ainda na infância, acompanhando seus pais ou padrastos. Essa imersão precoce, embora representasse uma forma de aprendizado e socialização, também contribuiu para a perpetuação de padrões culturais de gênero que naturalizavam a presença masculina no garimpo e tornavam a feminina secundária ou marginal (Jesus, 2019).

A relação entre tradição, costume e trabalho, como destaca Thompson (1998), é crucial para compreender a transmissão intergeracional da atividade garimpeira. Essa herança cultural consolidou o garimpo como um espaço predominantemente masculino, mas, ao mesmo tempo, abriu brechas para que algumas mulheres

adentrassem esse universo. No entanto, essa inserção se deu de maneira desigual, muitas vezes sem reconhecimento formal ou com limitações significativas. A ideia de que o garimpo era “trabalho de homem” excluiu sistematicamente as mulheres dos arranjos produtivos mais estruturados, como o fornecimento de ferramentas e recursos para a extração (Jesus, 2019).

As entrevistas realizadas por Jesus revelam que a participação das mulheres no garimpo era limitada por diversos fatores que vão além da simples diferença de força física. Argumentos como “as mulheres trabalhavam menos” ou “não tinham coragem de procurar um fornecedor” refletem concepções sociais enraizadas que restringiam o papel feminino no garimpo. Além disso, muitos maridos reforçavam essa exclusão ao desestimular suas esposas de buscarem autonomia na garimpagem, alegando que sua principal função era cuidar da casa e da família. A própria estrutura econômica do garimpo, baseada na hierarquia e na dependência de fornecedores, perpetuava essa desigualdade ao destinar os escassos recursos exclusivamente para os homens (Jesus, 2019).

Em suma, apesar de sua presença constante no garimpo desde o período colonial, as mulheres permaneceram invisibilizadas devido a uma série de fatores interligados. O peso da tradição e do costume, a divisão sexual do trabalho, a desvalorização de seu esforço e a exclusão de arranjos produtivos formais impediram que sua participação fosse reconhecida em pé de igualdade com a dos homens. Essa invisibilidade não se deu por acaso, mas foi resultado de uma construção social que reforçou o garimpo como um espaço masculino, apagando ou minimizando a trajetória de inúmeras mulheres que, ao longo da história, contribuíram para a economia e a cultura garimpeira (Jesus, 2019).

A marginalização da mulher na mineração está intrinsecamente ligada à divisão sexual do trabalho e à economia do cuidado. Historicamente, o trabalho feminino tem sido associado ao espaço doméstico e a funções consideradas secundárias ou menos lucrativas, enquanto as atividades diretamente ligadas à extração mineral e à geração de renda são vistas como exclusivas dos homens. Essa dinâmica resulta na invisibilização e desvalorização da presença feminina no setor, mesmo quando sua participação é essencial para o funcionamento da atividade garimpeira.

Mesmo quando exercem funções idênticas às dos homens, as mulheres no garimpo enfrentam disparidades salariais significativas e barreiras à ascensão

profissional. As condições de trabalho femininas também são mais precárias, caracterizadas pelo menor acesso a equipamentos de proteção, suporte técnico e direitos trabalhistas. Esse cenário reflete não apenas uma desigualdade de gênero, mas também a estrutura excludente da mineração, que perpetua a subordinação feminina no setor.

Além das dificuldades laborais, as mulheres no garimpo enfrentam barreiras sociais e culturais que dificultam sua permanência e reconhecimento na atividade. Muitas são vistas como intrusas em um espaço tradicionalmente masculino, sendo alvo de estigmas e preconceitos. Esse contexto não apenas restringe suas oportunidades, mas também reforça a exclusão e a vulnerabilidade feminina no setor.

Apesar dos desafios, muitas mulheres têm conseguido romper barreiras e conquistar espaço na mineração. Seja por meio da organização coletiva, do empreendedorismo ou da reivindicação por direitos, elas têm demonstrado resiliência e protagonismo, redefinindo seu papel no setor e questionando a lógica excludente da mineração tradicional.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo fundamenta-se na concepção de educação antiopressiva, conforme proposta por Kevin Kumashiro (2000), que problematiza a educação tradicional e busca desconstruir sistemas de opressão perpetuados nos processos de ensino e aprendizagem. A educação antiopressiva propõe um ensino que não apenas reconhece a diversidade e as assimetrias sociais, mas também atua ativamente na promoção de uma pedagogia crítica, baseada na reflexão e na transformação das estruturas de desigualdade.

Nesse sentido, a pesquisa-ação foi adotada como abordagem metodológica, considerando que a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento é um princípio central tanto da metodologia participativa quanto da educação antiopressiva. De acordo com Philipi Jr. (2004, p. 980), toda pesquisa deve apresentar um método claro e detalhado, garantindo sua compreensão por outros leitores e possibilitando aprimoramentos ou desdobramentos em investigações futuras. A pesquisa qualitativa, orientada pela metodologia participativa, possibilitou maior flexibilidade ao estudo, permitindo que as experiências dos envolvidos ampliassem as

perspectivas e reflexões sobre o tema investigado (Godoy, 1995), ao mesmo tempo em que favoreceu um processo investigativo voltado para a transformação social.

Conforme Gonçalves (2001):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]. (GONÇALVES, 2001, p. 67).

Dentro desse contexto, a construção da Sequência Didática foi estruturada para promover momentos pedagógicos que envolvem a desconstrução de estereótipos, a crítica ao currículo oculto e o desenvolvimento do pensamento crítico. A abordagem antiopressiva proposta por Kumashiro (2000) permite problematizar as estruturas normativas da educação e evidenciar como os conteúdos escolares podem reforçar sistemas de domínio e exclusão. Assim, os objetivos de aprendizagem foram delineados não apenas para a aquisição de conhecimento, mas também para formar indivíduos capazes de questionar e transformar a realidade social, promovendo um ambiente educacional mais justo e equitativo.

Além disso, este estudo dialoga com a história e a filosofia das mulheres nas ciências, um campo de investigação que analisa criticamente as ciências a partir de uma perspectiva de gênero. Esse campo emergiu com maior expressividade após a Segunda Guerra Mundial, impulsionado pelo aumento da participação feminina na produção científica, pela mobilização dos movimentos feministas em prol da inserção das mulheres nas ciências e pela crescente visibilidade dos preconceitos de gênero nos processos de conhecimento, prática e valores científicos.

A história e a filosofia das mulheres nas ciências direcionam suas investigações para quatro principais abordagens: (i) a história das mulheres cientistas, (ii) o status das mulheres nas profissões científicas, (iii) a mulher como objeto de estudo nas ciências biológicas e médicas e (iv) a crítica ao viés androcêntrico nas teorias e métodos científicos. De acordo com Sepúlveda e Silva (2021), a história das mulheres nas ciências se institucionalizou na década de 1970 como um esforço acadêmico e político para reivindicar narrativas que reconhecessem a presença feminina na história da ciência.

Este trabalho se insere na quarta abordagem indicada por Sepúlveda e Silva (2021), que trata da crítica ao viés androcêntrico nas teorias e métodos científicos. A pesquisa busca evidenciar como a divisão sexual do trabalho, ao naturalizar funções atribuídas a homens e mulheres, contribuiu para a construção de uma lógica de gênero que invisibiliza a atuação feminina no garimpo de draga em Andaraí. Ao tensionar os discursos e práticas que sustentam essa marginalização, o estudo problematiza a forma como o saber científico e a produção de conhecimento também refletem e reproduzem essas desigualdades estruturais.

A partir da década de 1980, feministas norte-americanas e europeias propuseram uma mudança no enfoque do campo, deslocando a atenção das biografias individuais para um exame mais amplo das barreiras e dificuldades enfrentadas pelas mulheres no acesso e permanência na carreira científica. Margaret Rossiter, em seus estudos desenvolvidos entre 1982 e 2012, elaborou uma abordagem historiográfica que resultou na identificação de mecanismos específicos de exclusão e inserção das mulheres na ciência. Dentre esses mecanismos, Rossiter identificou a "segregação territorial", que se refere ao menor prestígio acadêmico conferido às mulheres, e a "segregação hierárquica", caracterizada pelos obstáculos estruturais que dificultam a ascensão feminina na carreira científica (Rossiter, 1993).

Ademais, o conceito de "efeito Matilda", formulado por Rossiter (1993) no contexto das ciências acadêmicas, será mobilizado nesta pesquisa como lente interpretativa para pensar as formas de invisibilização do trabalho feminino em espaços historicamente masculinizados. Embora originalmente aplicado à apropriação das descobertas de mulheres cientistas por colegas homens, tal conceito permite refletir sobre mecanismos semelhantes que podem estar presentes no garimpo de draga em Andaraí. Assim, sua incorporação teórica visa contribuir para a compreensão das estratégias simbólicas e materiais que desvalorizam o trabalho realizado por mulheres no contexto da mineração.

Portanto, este estudo busca articular a pesquisa-ação como metodologia central, considerando que a educação antiopressiva demanda uma abordagem metodológica que valorize a participação ativa dos sujeitos na produção do conhecimento. Ao reconhecer as intersecções entre gênero, ciência e educação crítica, esta pesquisa visa contribuir para a construção de uma educação que não

apenas compreenda as desigualdades estruturais, mas também atue ativamente na sua superação.

Abordagem metodológica, coleta e análise de dados

O desenvolvimento da pesquisa foi orientado pelo método dialético, entendido como uma forma de interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Conforme Da Silva e Menezes (2005), esse método parte do princípio de que os fatos sociais devem ser analisados em sua historicidade, considerando os contextos políticos, econômicos e culturais que os atravessam. Inspirado na tradição hegeliana, o método dialético compreende a realidade como marcada por contradições que se transformam continuamente, exigindo uma análise que apreenda os processos em movimento. Tal abordagem se insere no campo da pesquisa qualitativa, conforme discutido por Da Silva e Menezes (2005) ao citar Gil (1999) e Lakatos e Marconi (1993).

O método dialético orientou a pesquisa em sua totalidade, sendo desenvolvido em diálogo com uma abordagem qualitativa fundamentada na educação antiopressiva de Kevin Kumashiro (2000), que problematiza as estruturas tradicionais de ensino e promove uma pedagogia crítica e transformadora. Além disso, a pesquisa se apoia na perspectiva de Sepúlveda e Silva (2021), que destacam a influência das lutas das mulheres na adaptação e reinvenção das metodologias científicas. Segundo as autoras, “o campo História das Mulheres se institucionalizou nos anos de 1970 para reivindicar narrativas que dessem vida a personagens que não tinham lugar dentro da História das Ciências” (SEPULVEDA; SILVA, 2021, p. 96). Esses referenciais contribuíram para a construção de uma perspectiva de educação antiopressiva e para a compreensão crítica do processo de invisibilização das mulheres no espaço do garimpo.

A pesquisa qualitativa possibilitou um entendimento aprofundado das experiências e das dinâmicas sociais envolvidas no contexto investigado, especialmente no que se refere às vivências das mulheres no garimpo de draga em Andaraí, Chapada Diamantina:

Como comentado no primeiro artigo desta série, hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”.

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 21).

Moresi (2003), ao destacar a dinâmica entre o mundo real e o sujeito, estabelece um vínculo indissociável entre o contexto objetivo e a subjetividade do indivíduo. Essa perspectiva reforça a natureza interpretativa da pesquisa qualitativa, em que a coleta de dados ocorre diretamente no ambiente natural, sendo o pesquisador o instrumento-chave. Diferentemente das abordagens quantitativas, que recorrem a métodos estatísticos, a pesquisa qualitativa enfatiza a interpretação aprofundada do fenômeno.

A pesquisa-ação conceituada por Thiollent e Colette (2014), foi escolhida como abordagem metodológica principal, pois permite uma interação ativa entre pesquisador e participantes, envolvendo-os diretamente na construção do conhecimento. Esse enfoque é coerente com a proposta de educação antiopressiva, uma vez que valoriza a participação dos sujeitos na investigação e possibilita transformações sociais por meio da educação.

A coleta de dados envolveu pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com duas mulheres e dois homens que trabalharam no garimpo, especialmente como cozinheiras e garimpeiros, entre os anos de 1989 e 1994. Embora a amostra não seja numericamente significativa, foi suficiente para os objetivos da pesquisa, pois permitiu registrar a vivência das mulheres no garimpo de draga em Andaraí, mapear suas ocupações e apreender argumentos essenciais para a construção da memória da experiência feminina na atividade mineradora. As entrevistas possibilitaram um aprofundamento nas experiências individuais dessas mulheres, identificando padrões e especificidades em sua atuação no garimpo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) foi utilizado para garantir a segurança e a privacidade das entrevistadas. Para preservar suas identidades, foram adotados nomes fictícios nos registros da pesquisa.

A análise dos dados foi conduzida por meio da Análise de Conteúdo apresentada por Bardin (2011), permitindo a categorização de elementos recorrentes

nos discursos e a extração de significados latentes. A identificação de categorias temáticas favoreceu uma reflexão crítica sobre os papéis desempenhados pelas mulheres no garimpo e sobre a divisão social do trabalho, revelando processos de exclusão e resistência vivenciados por elas.

O produto educacional desenvolvido foi um documentário que, ao seguir os princípios da Sequência Didática de Zabala (1998), dá voz a duas mulheres garimpeiras e um garimpeiro, assim, busca promover debates no ambiente escolar. A Sequência Didática aborda gênero e divisão social do trabalho a partir da concepção de educação antiopressiva, com o objetivo de favorecer, por meio da história local, uma apropriação crítica dos saberes, estimulando a reflexão sobre desigualdades e a superação de estereótipos. Conforme Zabala (1998), trata-se de uma intervenção pedagógica que articula conteúdos, interações e avaliação, permitindo adaptações conforme as necessidades dos alunos e os desafios do ensino.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou não apenas a análise da invisibilização das experiências das mulheres no contexto do garimpo, mas também a construção de um material didático voltado à ampliação das perspectivas dos estudantes e à valorização de diferentes experiências sociais. Ao articular pesquisa-ação, educação antiopressiva e história das mulheres nas ciências, esta investigação propõe caminhos para reconhecer o papel das mulheres na história econômica e social do Brasil, buscando promover práticas pedagógicas conectadas com a realidade dos alunos e voltadas à leitura crítica do mundo.

3.1 Área de estudo

3.1.1 O Município de Andaraí

A trajetória de Andaraí remonta aos seus primeiros habitantes, os indígenas Carirís e Maracás, cujas marcas ainda podem ser observadas nas pinturas rupestres encontradas na região. Com o passar do tempo, registros indicam a presença de quilombos no território, como os de Orobó, Tupins e Andarahy, que foram alvos de repressão, mas deixaram como legado a atual comunidade quilombola de Fazenda Velha, localizada às margens do Rio Santo Antônio (ANDARAÍ, 2022).

A colonização do território se consolidou a partir do surgimento de povoados ligados à pecuária e à agricultura, os quais serviam de apoio ao garimpo na Chapada Velha e no Rio de Contas. Regiões como Comercinho, Piranhas e Passagem tornaram-se pontos estratégicos, especialmente este último, devido à sua localização às margens do Rio Paraguaçu, facilitando o transporte até Cachoeira.

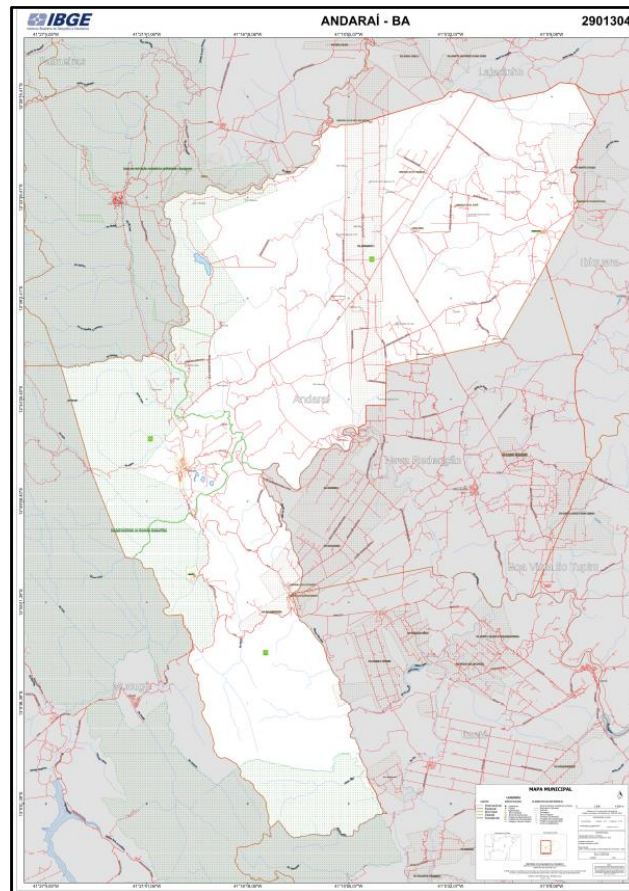
Figura 1 - Exemplo de pintura rupestre presente na Gruta da Marota - Andaraí/BA



Fonte: BATISTA (2017).

Situado na região centro-sul da Bahia, Andaraí integra a zona Fisiográfica da Chapada Diamantina. O município encontra-se a uma altitude de 440 metros, com coordenadas geográficas de 12°48'0 de latitude e 41°20'0 de longitude. Seu território abrange uma área de 1.590,316 km² e está localizado a cerca de 414 km da capital, Salvador. Além disso, faz fronteira com os municípios de Lajedinho, Ibiquera, Lençóis, Ibicoara, Itaetê, Nova Redenção e Mucugê (IBGE, 2022).

Figura 2- Mapa do município de Andaraí



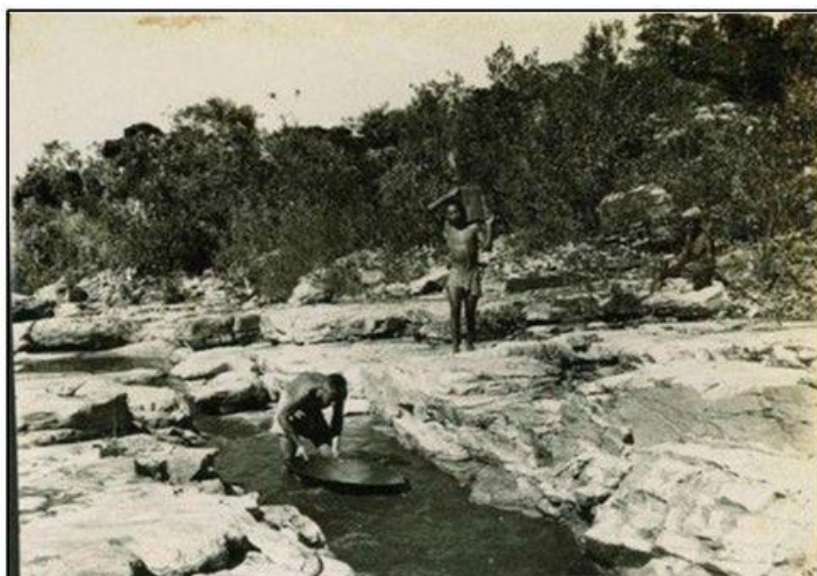
Fonte: Andaraí (2011).

O ciclo do diamante transformou radicalmente Andaraí. A descoberta das preciosas pedras no Rio Cumbucas, em Mucugê, atraiu um fluxo intenso de garimpeiros, que, acompanhados de suas famílias, passaram a ocupar as Lavras Diamantinas. Vindos de diferentes regiões do Brasil, esses colonizadores contribuíram para o crescimento do povoado, que inicialmente pertencia a Santa Izabel do Paraguaçu (atual Mucugê). Para viabilizar o garimpo, antigas trilhas indígenas foram convertidas em caminhos de exploração, impulsionando a ocupação da Serra do Sincorá (Andaraí, 2022).

Com a riqueza gerada pela extração dos diamantes, Andaraí prosperou, abrigando casarões imponentes que contrastavam com as habitações simples dos primeiros garimpeiros. Contudo, a abolição da escravatura, a proclamação da República e a descoberta de novas jazidas na África iniciaram um declínio econômico. O diamante negro (carbonato) foi responsável por manter a mineração ativa por mais tempo, especialmente devido à sua demanda para a construção do Canal do Panamá.

No entanto, a criação do diamante sintético acabou por extinguir essa fonte de renda (Andaraí, 2022).

Figura 3 - Fotografia de garimpeiros trabalhando no córrego do padre, Andaraí - BA, década de 1950



Fonte: IBGE (2023).

Ao longo dos anos, Andaraí passou por diferentes estágios administrativos, tornando-se Distrito Policial em 1847, Distrito de Paz em 1852, freguesia em 1884 e vila em 1878, até alcançar o status de cidade em 1891, durante o governo de José Gonçalves da Silva. Nesse período, a política local era fortemente marcada pelo coronelismo, tendo o coronel Aureliano Gondim como sua figura mais emblemática, cujo domínio sobre a sociedade andaraiense inspirou Herberto Sales no romance *Cascalho*.

Figura 4 - Fotografia da praça Coronel Aureliano Gondim, Andaraí - BA, 1957.



Fonte: IBGE (2023).

Além da mineração, a região destacou-se na produção de café, especialmente no Vale do Pati, que já foi um importante centro produtor, mas sofreu um declínio devido a políticas que favoreceram a valorização do café do sul do país, resultando na decadência dessa atividade na Chapada Diamantina (Andaraí, 2022).

Os impactos ambientais do garimpo se agravaram na década de 1970 com a introdução das dragas a diesel, que poluíram os rios até a interrupção da mineração mecanizada em 1996. Andaraí abriga os distritos de Xique-Xique do Iguatu, com forte patrimônio cultural e ecoturístico, e Ubiraitá, ligado a rotas de tropeiros e agropecuária.

Tabela 1 - População residente, por situação do domicílio: Andaraí, BA, 1970 – 2010

<i>População residente</i>			
Ano	Total	Urbana	Rural
1970	20.047	3.756	16.291
1980	22.000	4.151	17.849
1991	14.285	5.825	8.460
2000	13.884	7.166	6.718
2007	14.088	7.670	6.418

2010	13.960	7.773	6.187
2022	13.080	_*	_*

Fonte: IBGE (2023).

Povoados como Passagem, um antigo entreposto comercial, e a Comunidade Tradicional da Fazenda Velha, reconhecida como quilombola, preservam laços históricos. No Parque Nacional da Chapada Diamantina, o Povoado do Pati se destacou no abastecimento local e na criação do prato típico Godó, enquanto o Mocambo surgiu da luta do Movimento de Luta pela Terra (MLT), expandindo-se para a Fazenda Salobrinho (Andaraí, 2022).

Assim, a trajetória de Andaraí desenha um mosaico de mudanças, onde as marcas das populações indígenas se entrelaçam ao fulgor e ao ocaso do garimpo. Entre vales e rios, o município resguarda suas raízes culturais e históricas, ao mesmo tempo em que se reinventa diante das novas dinâmicas socioeconômicas, mantendo viva a memória de seu povo e a riqueza de seus territórios.

3.2 Amostra

Foram entrevistados quatro sujeitos, sendo duas mulheres e dois homens. Os homens entrevistados desempenham o papel de garimpeiros, enquanto as mulheres exerceram a função de cozinheiras no contexto do garimpo.

Embora inicialmente estivesse prevista a realização de um maior número de entrevistas, optou-se por não ampliar a amostra, pois os relatos coletados já forneceram informações suficientes para a análise pretendida. Observou-se que os discursos apresentados convergem para padrões que permitem responder à questão de pesquisa, tornando novas entrevistas redundantes. O objetivo central da investigação não era atingir um número quantitativamente expressivo de entrevistados, mas sim explorar em profundidade as experiências e percepções das mulheres no garimpo, garantindo uma análise qualitativa mais densa e reflexiva.

Mesmo com um número reduzido de entrevistas, a amostra selecionada permite evidenciar o padrão estrutural da divisão sexual do trabalho no garimpo, com as mulheres assumindo majoritariamente funções de apoio, enquanto os homens ocupam posições centrais na extração mineral. Dessa forma, a análise dos relatos obtidos, confrontada com a literatura acadêmica sobre o tema, possibilita uma

compreensão aprofundada da invisibilização das mulheres no contexto do garimpo de draga em Andaraí.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Apresentação das Unidades de Registros e Categorias de Análises

As entrevistas foram colhidas e a partir delas foram retiradas Unidades de Registro e Categorias de Análise, buscando identificar os temas, assuntos e abordagens realizadas pelas (os) entrevistadas (os) e a partir daí proceder a análise do conteúdo em busca de pistas para decifrar o processo de invisibilização do trabalho das mulheres no garimpo de draga em Andaraí.

Tabela 2 – Unidades de Registro

<i>Unidades de Registro</i>	<i>Número de Ocorrências</i>
<i>Dinheiro</i>	45
<i>Mulher</i>	39
<i>Garimpo</i>	28
<i>Mulheres</i>	28
<i>Vida</i>	23
<i>Bar</i>	19
<i>Trabalho</i>	16
<i>Família</i>	15
<i>Casa</i>	14
<i>Tempo</i>	14
<i>Oportunidade</i>	12
<i>Oportunidades</i>	12
<i>Bordel</i>	07
<i>Dinheiro fácil</i>	05
<i>Prostituição</i>	04
<i>Dono do garimpo</i>	04
<i>Vida noturna</i>	03
<i>Experiências</i>	02
<i>Preconceito</i>	02

As unidades de registro, conforme apresentadas por Laurence Bardin (2016), são elementos básicos de análise em uma pesquisa qualitativa, representando unidades discretas de significado identificáveis no corpus de texto. Na pesquisa em questão, essas unidades correspondem a termos ou palavras-chave extraídos das entrevistas, refletindo temas centrais como os papéis das mulheres, as condições de

vida e trabalho no garimpo, o impacto econômico e social da atividade, e a importância da comunidade e da família para as mulheres garimpeiras. A contagem dessas unidades oferece insights valiosos sobre as experiências dessas mulheres, alinhando-se aos objetivos e conclusões da pesquisa.

Por outro lado, a Tabela 3 oferece uma categorização mais específica dos temas abordados, destacando áreas-chave de preocupação e interesse. Aqui, termos como Desafios no Garimpo, Condições de Trabalho e Impactos Econômicos indicam aspectos práticos e desafiadores do trabalho no garimpo, enquanto Opressão de Gênero e Divisão de Papéis Sociais apontam para questões mais profundas relacionadas à desigualdade de gênero e à estrutura social do garimpo.

Tabela 3 – Categorias de Análise

<i>Categoria</i>	<i>Número de Ocorrências</i>
<i>Desafios no Garimpo</i>	03
<i>Condições de Trabalho</i>	02
<i>Impactos Econômicos</i>	02
<i>Opressão de Gênero</i>	02
<i>Vida no Garimpo</i>	02
<i>Fatura no Garimpo</i>	02
<i>Divisão de Papéis Sociais</i>	01
<i>Prostituição no Garimpo</i>	01

Ao analisar os dados das Tabelas 2 e 3, observa-se uma convergência significativa, com os termos mais frequentes, como Garimpo e Mulher, refletindo diretamente nas categorias Desafios no Garimpo e Vida no Garimpo. Isso indica que as experiências das mulheres entrevistadas e as percepções dos homens sobre elas estão intimamente ligadas aos desafios e dinâmicas enfrentadas por essas mulheres no garimpo. A interconexão entre essas perspectivas destaca a complexidade das vivências femininas nesse contexto, evidenciando a necessidade de uma abordagem abrangente para compreendê-las de forma mais profunda.

4.2 Divisão sexual do trabalho, violência de gênero e impactos socioambientais

As falas das quatro pessoas entrevistadas revelam a complexidade da experiência das mulheres no garimpo de draga em Andaraí, particularmente no que

tange à divisão sexual do trabalho, à violência de gênero e aos impactos socioambientais da mineração.

Veremos abaixo que a divisão sexual do trabalho no garimpo é marcada por uma clara distinção entre as atividades realizadas por homens e mulheres, com as mulheres frequentemente relegadas a tarefas invisíveis e desvalorizadas, como o preparo de alimentos, o transporte de material, ou a limpeza de equipamentos. Essas funções foram essenciais para o funcionamento do garimpo, mas, ao serem relegadas ao espaço doméstico ou periférico, não foram reconhecidas como parte do processo produtivo.

Além disso, as condições precárias e perigosas enfrentadas pelas mulheres, que são muitas vezes vítimas de violência de gênero, tanto no ambiente de trabalho quanto na dinâmica social ao redor da mineração, sofrendo violência física e psicológica, é uma manifestação direta da desigualdade estrutural entre os sexos, como ficou evidenciado pela literatura abordada.

As narrativas das duas mulheres entrevistadas demonstram que o machismo e a misoginia permeavam não apenas as relações familiares, mas também as relações de trabalho no garimpo. Esse quadro de violência impediu que as mulheres pudessem reivindicar melhores condições de trabalho ou que seus papéis dentro do garimpo fossem reconhecidos de forma justa.

A exploração da mineração em Andaraí também criou impactos socioambientais profundos, que afetaram diretamente as mulheres de maneira diferenciada. O envenenamento das águas, a destruição da vegetação e a degradação do solo alteram as condições de vida das comunidades locais, impactando de forma mais acentuada as mulheres, que eram (e ainda são) as principais responsáveis pelo cuidado com a casa, a alimentação e a saúde da família. A escassez de recursos naturais e a poluição resultaram em um aumento do trabalho doméstico, que se somou ao já árduo labor no garimpo, criando um ciclo de sobrecarga que invisibilizou ainda mais a mulher na dinâmica da mineração.

É necessário destacar que o garimpo de draga não é apenas o espaço restrito onde indivíduos, geralmente homens, extraem cascalhos e diamantes. É toda estrutura de funcionamento que está ao seu entorno, como foi possível observar na abordagem da literatura. Um desses espaços anexo ao garimpo e muito importante para a sua manutenção são as barracas onde eram estocados e preparados os

alimentos. As boates e bares nos arredores eram também importantes espaços de socialização útil à manutenção da atividade garimpeira.

Vejamos como Sônia, uma mulher que trabalhou em algumas cozinhas de garimpos da região, narra sua entrada no garimpo:

Eu vim pra o garimpo assim no dia 23 de junho de 1987, vim passar o São João em Andaraí porque o pai dos meus filhos já trabalhava em garimpo, aí me trouxe pra passar o São João aqui, aí, chegando em Andaraí gostei da cidade, do acolhimento das pessoas, no outro dia já fui buscar minha mudança e vim morar em Andaraí. Nesse momento só o pai dos meus filhos trabalhava como garimpeiro, aí acompanhei ele em vários garimpos aí depois comecei a cozinhar no garimpo (Santos, 2025).

A trajetória de Sônia ilustra como a inserção feminina no garimpo muitas vezes ocorria por meio da relação conjugal, como sinalizado por Rodrigues (1992). Seu relato demonstra que sua chegada ao garimpo se deu a partir da presença do companheiro, reforçando a ideia de que a participação das mulheres estava condicionada à atuação masculina. Essa dependência estrutural limitava a autonomia das mulheres, restringindo suas oportunidades dentro do contexto garimpeiro.

Além disso, o processo de entrada de Sônia no garimpo, pela cozinha, evidencia a categoria de análise Divisão de Papéis Sociais, ao mostrar que, enquanto os homens eram direcionados para o trabalho diretamente ligado à extração mineral, as mulheres ocupavam funções de suporte, como a cozinha. Essa dinâmica reflete a estrutura patriarcal do garimpo, onde as mulheres eram relegadas a atividades associadas ao cuidado e à manutenção do espaço, enquanto os homens desempenhavam funções economicamente mais valorizadas.

Outro ponto relevante é que sua entrada no garimpo ocorreu inicialmente como um movimento familiar e não como uma escolha profissional autônoma. Isso se alinha com as Unidades de Registro identificadas na Tabela 2, como Família e Casa, confirmando que a experiência das mulheres no garimpo era frequentemente mediada pelo contexto doméstico e relacional. Assim, a entrada de Sônia reforça a naturalização da divisão sexual do trabalho, onde as mulheres eram inseridas em atividades invisibilizadas e menos remuneradas, contribuindo para sua marginalização dentro da economia do garimpo.

Outra entrevistada, Maria, relata o recrutamento de mulheres para a prostituição, outra atividade desempenhada por mulheres que era considerada

essencial para a existência do garimpo, por ser um lugar de entretenimento para os homens, considerados mão de obra principal da atividade garimpeira:

Quando eu trabalhava na vitória, lá próximo do garimpo tinha um bar e aí as mulheres de fora ficavam lá nesse bar e eu tive assim oportunidade de conhece-las mais de perto, eram de fora mas eram umas meninas até legal, mas vinham pra aqui, não era com o objetivo de trabalhar no garimpo, era com o objetivo da prostituição. Os homens ganhavam dinheiro fácil, gastavam com facilidade e aí elas tinham dona lá que mantinham elas lá, que dava comida, dava moradia tudo, mas que administrava também o dinheiro que elas ganhavam da venda do corpo delas (Santos, 2025).

A fala de Maria contém diversos termos que aparecem na Tabela 2 – Unidades de Registro: Bar, Prostituição, Dinheiro Fácil.

O bar é identificado como um local onde as mulheres ficavam e onde a prostituição se organizava. Ele funciona como um espaço de entretenimento masculino e de confinamento feminino, reforçando a segregação de papéis de gênero e evidenciando como a prostituição era um aspecto relevante da dinâmica do garimpo. A prostituição aparece como uma atividade estruturada dentro do garimpo, com a figura da “dona” que controla as mulheres e gerencia seus ganhos, caracterizando uma relação de exploração econômica e de dominação. O dinheiro fácil mencionado por Maria se refere ao ciclo econômico do garimpo, onde os homens gastavam rapidamente o que ganhavam, muitas vezes em atividades de lazer e prostituição.

Até aqui já é perceptível a separação de papéis entre os homens, que atuavam diretamente na extração mineral, e as mulheres, que eram relegadas a atividades como a prostituição e cozinha, reforçando a marginalização feminina dentro do garimpo.

A remuneração das mulheres que trabalhavam na cozinha variava de acordo com a fala de Sônia:

Às vezes no garimpo tinha como as mulheres ganharem mais do que os homens porque as vezes elas tinham mais trabalho porque a cada 5 homens que elas cozinham elas ganhavam três por cento de cada um, tinha garimpo que pagava mais, no de draga pagava quatro, pagava cinco, mas os que eu cozinhei sempre ganhei três por cento (Santos, 2025).

A fala da entrevistada além de revelar a Divisão de Papéis Sociais no garimpo, ratifica que as mulheres atuavam principalmente na cozinha, enquanto os homens exerciam a extração mineral. Apesar de algumas conseguirem uma renda significativa, seu pagamento era condicionado ao trabalho masculino, sendo calculado com base em uma porcentagem dos ganhos dos garimpeiros. Isso reforça a

dependência econômica feminina e a hierarquia de gênero, já que, mesmo podendo ganhar mais em certos casos, sua remuneração estava sempre atrelada à produtividade dos homens. Na fala aparecem Unidades de Registro, como Trabalho, Dinheiro, Mulher e Garimpo, demonstrando a relação entre a economia do garimpo e a inserção feminina, marcada por desigualdades e variações salariais entre os diferentes tipos e locais de garimpo.

O que manteve o fluxo de mulheres e homens no garimpo foi a esperança de mudar de vida, os constantes relatos de grandes pedras encontradas, muitas vezes sem grandes sacrifícios, dando a sensação de dinheiro fácil, e a fartura da maioria dos “barracos”. A fala de Maria revela que essa esperança e sua materialização ocasional tornava a aventura no garimpo prazerosa, apesar dos momentos de crise, de baixa extração do minério que gerava instabilidade e desequilíbrio econômico entre indivíduos e famílias:

Quem fazia as despesas era o dono do garimpo, ele fazia as despesas e deixava no “barraco”. Vi muita fartura no garimpo, o garimpo que eu cozinhei tinha muita fartura. tinha o caixote que comprava tudo de saco, tudo de saco, saco de feijão, saco de arroz, tudo era fartura, caixa de ovos, de óleo, tudo era fartura, nos garimpos que eu cozinhei sempre teve fartura, e foi a época que acho que as mulheres mais brigaram por homem em Andaraí, brigavam pelos garimpeiros, que eu em mim, eu acho que não brigavam nem pelos garimpeiros, brigavam pelo dinheiro que os homens ganhavam fácil e gastava com mais facilidade ainda, porque era um dinheiro que ganhava fácil, gastava fácil. Às vezes o dinheiro que eles ganhavam dava pra comprar uma casa, chegava em um bar, mandava fechar o bar, toda bebida que tinha no freezer, mandava descer e eles bebiam, não importavam que no outro dia não tinha dinheiro, não tinha 1 real pra nada, mas eles queriam beber e fez aquela farra, eles achavam que como foi fácil conquistar aquele, conquistava de novo (Santos, 2025).

A fala de Maria relaciona as brigas entre as mulheres no garimpo à disputa pelo dinheiro dos garimpeiros, evidenciando uma dinâmica marcada pela vulnerabilidade econômica e pela violência de gênero. A ênfase na “fartura” contrasta com a instabilidade financeira dos homens, que gastavam rapidamente o que ganhavam, criando um ambiente de extrema desigualdade e tensão.

As mulheres, muitas vezes, viam-se em situações de conflito, não apenas pelo afeto dos garimpeiros, mas principalmente pela segurança financeira que esses relacionamentos poderiam proporcionar. Essa disputa reforça a categoria de análise Opressão de Gênero, pois demonstra como as mulheres eram colocadas em uma posição de dependência econômica e emocional, resultando em rivalidades que, em muitos casos, se convertiam em violência entre elas. Além disso, a presença das

Unidades de Registro como Dinheiro, Mulher, Garimpo e Vida destaca a conexão entre a economia do garimpo e as relações de poder desiguais entre homens e mulheres nesse contexto.

Uma fala proferida por Sônia fornece uma perspectiva crucial sobre como a divisão sexual do trabalho, mediada pela violência de gênero e pelos impactos socioambientais da mineração, contribuiu para a invisibilização das mulheres no garimpo de draga em Andaraí: “A mulher aqui no garimpo é quem cuida da casa, da comida e dos filhos, enquanto os homens ficam com a draga e a parte mais pesada. A gente não pode chegar perto deles, é como se fosse coisa de homem” (Santos, 2025).

Esse relato de Sônia está intimamente ligado à categoria de análise Divisão de Papéis Sociais e à Unidades de Registro relacionadas à Mulher/Mulheres, como referência ao papel feminino no garimpo, e ao Trabalho, pois as mulheres são sistematicamente alocadas em funções secundárias, com seu trabalho doméstico e de cuidado sendo frequentemente invisibilizado.

Esse trecho revela como a divisão sexual do trabalho no garimpo não é apenas uma questão de ocupação de espaços diferentes, mas também de hierarquização das atividades. As mulheres são afastadas das tarefas consideradas mais importantes ou pesadas, enquanto são encarregadas de funções que, apesar de essenciais para a operação do garimpo, são constantemente desvalorizadas. A invisibilidade das mulheres no garimpo não é apenas física, mas também simbólica, pois suas contribuições não são reconhecidas como parte do processo produtivo.

A violência de gênero, um dos aspectos centrais na narrativa de Maria, é outro fator determinante para a invisibilização das mulheres. Ela afirma: “Não é fácil ser mulher aqui. Tem muita violência, e a gente tem que se calar, porque se não cala, piora. E se falar demais, os homens não deixam a gente trabalhar direito. É uma luta que a gente tem que enfrentar sozinha” (Santos, 2025).

A categoria de Opressão de Gênero aparece de forma clara nessa fala, pois descreve a violência e o controle masculino no ambiente de trabalho. Esse trecho revela o silenciamento das mulheres e a negação de sua participação ativa nas decisões do garimpo, um reflexo de uma estrutura opressiva de gênero que limita as oportunidades de expressão e de valorização do trabalho feminino.

Maria deixa claro como a violência, tanto física quanto psicológica, permeia a experiência das mulheres no garimpo. A intimidação constante e o medo da repressão são ferramentas usadas para manter as mulheres em silêncio e marginalizadas, impedindo que suas demandas por melhores condições de trabalho ou por reconhecimento de seu trabalho sejam ouvidas. Essa violência é uma forma de controlar as mulheres, de mantê-las submissas, reforçando a exclusão e a invisibilidade em um ambiente dominado pela masculinidade.

Em uma fala de Sônia é possível medir como as mulheres são excluídas dos espaços de decisão, tornando-se invisíveis também no que diz respeito às escolhas sobre como o garimpo deve ser administrado e aos debates sobre suas condições de trabalho. Ela revela: “Os homens decidem tudo, e a gente tem que aceitar. Se a gente pedir pra falar, eles dizem que a gente não entende de nada” (Santos, 2025).

Essa frase reflete como a hierarquia de gênero no garimpo também se reflete na hierarquia de poder, onde as mulheres são privadas de participar das decisões que afetam diretamente suas vidas e o ambiente de trabalho. Essa exclusão das discussões sobre o garimpo reforça a ideia de que o trabalho feminino é inferior e irrelevante, perpetuando a invisibilidade das mulheres.

Os impactos socioambientais da mineração também têm um papel fundamental na ampliação da invisibilização das mulheres. Maria destaca:

A água tá ficando suja, a terra não dá mais pra plantar. Eu passo o dia inteiro carregando água, cuidando dos filhos e ainda tenho que me preocupar com a comida. O trabalho no garimpo é sujo e arriscado, mas nós temos que fazer nossa parte sem reclamar (Santos, 2025).

A categoria Condições de Trabalho pode ser observada neste relato, pois a dureza das condições de trabalho e a sobrecarga imposta às mulheres são aspectos fundamentais que tornam o trabalho delas ainda mais invisível. Essas condições de trabalho desumanas são pouco discutidas e pouco valorizadas, especialmente porque são realizadas por mulheres em segundo plano, em tarefas que não são reconhecidas como parte do processo produtivo central do garimpo.

Em sua fala Maria descreve as dificuldades que as mulheres enfrentam devido à degradação ambiental provocada pela mineração. A poluição da água e a destruição da terra afetam diretamente a subsistência das famílias, sendo que as mulheres, como principais responsáveis pelo cuidado da casa e da alimentação, sentem esse impacto de maneira mais intensa.

O aumento do trabalho doméstico e o agravamento das condições de vida, somados à precariedade do trabalho no garimpo, criaram uma sobrecarga que corroborou para o aprofundamento da invisibilização da mulher, pois ela era forçada a assumir uma quantidade de tarefas desproporcional, sem que tais atividades fossem reconhecidas e remuneradas de forma justa.

O impacto ambiental da mineração, que afetou a qualidade da água e a capacidade de cultivar alimentos, sobrecarregou ainda mais as mulheres, que tinham que gerenciar tanto o trabalho doméstico quanto as dificuldades econômicas geradas pela mineração, revelando a categoria de análise Impactos Econômicos.

Outra categoria que vem à tona com a fala de Maria, exposta alguns parágrafos acima, é a Desafios no Garimpo, pois os impactos sociais da mineração e a marginalização imposta empurrou as mulheres para as periferias do trabalho formal e reconhecido no garimpo.

Os trechos das narrativas de Sônia e Maria ilustram de maneira concreta como a divisão sexual do trabalho, a violência de gênero e os impactos socioambientais da mineração em Andaraí convergem para uma realidade de opressão e invisibilidade para as mulheres no garimpo de draga. As mulheres, não só são privadas de um reconhecimento justo de suas contribuições no trabalho, mas também são silenciadas e marginalizadas, enfrentando sobrecarga de trabalho, violência constante e condições de vida degradantes, sem a chance de alterá-las. A mineração, ao destruir o meio ambiente e criar uma estrutura de trabalho desigual, acentua ainda mais essa invisibilidade e impede que as mulheres possam lutar por melhores condições ou até mesmo pela valorização do trabalho que realizam.

Dessa forma, a divisão sexual do trabalho, mediada pela violência de gênero e pelos impactos socioambientais da mineração, contribui significativamente para a invisibilização das mulheres no garimpo de draga em Andaraí. Elas são excluídas dos espaços de decisão e suas contribuições são desvalorizadas, perpetuando um ciclo de marginalização que afeta tanto sua autonomia quanto sua visibilidade social e econômica.

As falas dos homens também ilustram o processo de invisibilização das mulheres no garimpo de draga em Andaraí.

O depoimento de João oferece uma visão detalhada sobre o garimpo de draga em Andaraí, destacando diversas dimensões do trabalho nesse ambiente e as

implicações econômicas, sociais e de gênero que marcam a vivência dos trabalhadores. Ele descreveu o garimpo como um ambiente de desafios, onde as condições de trabalho eram precárias e a falta de regulamentação agravava ainda mais as situações enfrentadas pelos trabalhadores.

João enfatizou a ilegalidade das atividades no local chamado de “Coxa Prego”, onde o trabalho ocorreu sem licença ambiental, refletindo a negligência em relação à legislação e à falta de fiscalização adequada. A ausência de ações concretas, como o reflorestamento, foi uma falha significativa, que expôs tanto os trabalhadores quanto o meio ambiente a riscos. Vejamos o relato de João:

A gente sempre teve fiscalização, mas o problema é que a fiscalização não foi em cima do que realmente precisava ser feito, como o reflorestamento, que ficou de lado. A área de “Coxa Prego” foi fechada depois que denunciaram e a polícia ambiental entrou, mas, enquanto isso, todo mundo continuava fazendo o trabalho. O garimpo lá é sem licença, e a gente tem que se virar com o que tem, sem nenhuma segurança, sem saber o que vai acontecer no dia seguinte (Santos, 2025).

Essa denúncia feita por João se relaciona com a categoria dos Desafios no Garimpo, deixando ainda mais claro que existia uma certa instabilidade econômica que perseguia os garimpeiros.

A memória que Pedro expôs sobre o momento de sorte no qual se conquista a tão sonhada recompensa vai ao encontro das falas de Sônia e Maria em relação ao fluxo de dinheiro que atravessou a dinâmica da mineração em Andaraí, ao mesmo tempo em que mostra como a desorganização econômica e o gasto com a prostituição frustrou o sonho de ascensão econômica de muitos garimpeiros e suas famílias:

Quando eles pegam o diamante, é uma coisa doida. Aquele dinheiro é gasto de qualquer forma, não tem controle. A pessoa pega o dinheiro e vai pro bar, ou compra coisa que nem precisa. E depois, acaba não sobrado nada, porque no garimpo, o dinheiro vem fácil, mas vai fácil também. A expectativa de enriquecer rápido acaba não se realizando, e no fim, o que sobra é a frustração de não ter mudado de vida (Santos, 2025).

O relato de Pedro ilustra como a rápida circulação de Dinheiro no garimpo, alimentada pela promessa do Dinheiro fácil, criou um ciclo de esperança e frustração. Esse comportamento, em vez de promover a ascensão social, levava à insatisfação financeira e à frustração, pois a expectativa de enriquecer rapidamente se desviava para o desperdício, sem melhorias duradouras na vida dos garimpeiros e suas famílias.

As categorias Impactos Econômicos e Dinheiro Fácil se materializam na conformação desse ciclo vicioso que se estabelece no garimpo: trabalho + diamante + dinheiro + drogas (sobretudo álcool) + prostituição + violência. Tal ciclo tornou as expectativas de estabilidade financeira inalcançáveis para muitos, perpetuando a pobreza.

O relato abaixo, de João, revela a dinâmica de gênero no garimpo, destacando a participação das mulheres, especialmente como cozinheiras, em um ambiente onde sua presença é frequentemente limitada e marcada pela opressão. A categoria Opressão de Gênero se evidencia na forma como as mulheres são confinadas a papéis subalternos, sendo marginalizadas e lutando constantemente por reconhecimento e respeito em um espaço predominantemente masculino:

Eu vejo a mulher no garimpo com outro olhar, ela vai pra lá pra cozinhar, mas o que acontece é que, com a falta de opção, algumas acabam indo parar no bordel. Isso é a realidade de muita gente. Não é fácil pra elas, porque a maioria tá ali por necessidade, não por querer. Elas enfrentam muita coisa, mas não têm o mesmo reconhecimento que nós homens. As coisas são mais difíceis pra elas, tem que ser mais forte, mais resistente pra conseguir o que precisa (Santos, 2025).

A menção ao bordel é a confirmação da existência de comércio sexual, o que pode ser entendido tanto como uma escolha, condicionada por múltiplos fatores, quanto uma imposição direta das condições de vida precárias, refletindo a vulnerabilidade e as opções restritas que as mulheres enfrentavam.

A unidade de registro Mulheres aparece no contexto da fala de João sobre sua irmã, ilustrando como o garimpo amplifica as desigualdades de gênero, com as mulheres dos garimpos por onde passou sendo forçadas a lidar com uma pressão social desproporcional:

Minha irmã foi uma das poucas mulheres que conseguiu trabalhar lá, mas a vida dela foi muito difícil. Ela ajudava, cozinava, mas o lugar era pesado, e por mais que ela tentasse, sempre teve que lidar com olhares e falatórios. As mulheres, quando vão pro garimpo, têm que ser muito mais fortes do que os homens, não é fácil, principalmente porque estão em um ambiente onde os homens dominam tudo (Santos, 2025).

Esse trecho reflete bem a situação das mulheres no garimpo e fora dele, reforçando o que foi discutido por Carvalho (2017) e Scott (1989), evidenciando que está cristalizado no cotidiano uma divisão de gênero, relacionada às diferenças de sexo e que esta divisão gera papéis sociais, que na prática social do garimpo se manifestou como relatado na fala de João: “As mulheres, quando vão pro garimpo,

têm que ser muito mais fortes do que os homens, não é fácil, principalmente porque estão em um ambiente onde os homens dominam tudo” (Santos, 2025). Assim, o garimpo se apresentava não apenas como um espaço de exploração econômica, mas também como um local de reprodução e intensificação das desigualdades de gênero.

A “vida no garimpo”, como descrita por Pedro no relato abaixo, está profundamente marcada por uma rígida divisão de papéis sociais. A busca pela “pedra preciosa” parece criar uma tensão constante entre as pessoas que convivem no garimpo, enquanto o consumo e a busca por satisfação pessoal também são aspectos presentes:

No garimpo, cada um tem seu lugar. Os homens estão na draga, no pesado, quebrando pedra, procurando a sorte. Já as mulheres, quando aparecem por lá, quase sempre ficam na cozinha ou acabam envolvidas com o comércio de bebida e outras coisas. Agora tá mudando um pouco, tem mais gente tentando organizar, colocar regra, mas, no fim das contas, a mineração ainda funciona do jeito antigo. Cada um tentando pegar o que dá, do jeito que pode (Santos, 2025).

Diante dessa estrutura rígida e violenta, o controle social parece passar pela possibilidade de encontrar diamante a qualquer momento e pelos momentos de entretenimento nos bares e com as mulheres que participaram da prostituição.

A categoria Prostituição no Garimpo, já foi abordada durante a fala das mulheres, é retomada quando João menciona o bordel e as mulheres envolvidas no comércio sexual:

No fim do dia, depois do trabalho duro, o pessoal quer relaxar. O dinheiro que entra fácil sai do mesmo jeito. Tem o bar, tem as mulheres que vêm pra cá tentar a sorte do jeito delas. Algumas trabalham na cozinha, outras acabam no bordel. Não é todo mundo que quer estar ali, mas às vezes é o que sobra. Aqui no garimpo, a vida noturna é movimentada, e muita gente se perde nisso (Santos, 2025).

Essa fala traz à tona a precariedade das condições que forçava algumas mulheres a se envolverem com a prostituição como meio de sobrevivência. Ele também alude a uma “vida noturna”, mencionando o bar e as atividades que ocorrem após o expediente de trabalho, indicando que o garimpo não é apenas um local de trabalho, mas também de entretenimento, com uma forte presença de consumo e relações informais que envolvem o sexo, o álcool e o dinheiro.

Todavia, ao falar de sua irmã, João demonstra que existiu na vida do garimpo também uma relação familiar muito forte:

Minha irmã veio para o garimpo buscando uma vida melhor, uma

oportunidade de ajudar a família. Mas aqui a realidade é dura, e as chances de sucesso são poucas. Ela acabou trabalhando na cozinha, enfrentando as mesmas dificuldades que todos nós. O sonho de enriquecer rápido muitas vezes não se realiza, e a família sofre com as consequências (SANTOS, 2025).

João faz referência à sua irmã e como a vida no garimpo afetou suas escolhas, o que nos leva a refletir sobre a categoria Família. O garimpo representa tanto uma oportunidade de melhorar a vida financeira quanto um ambiente que exerce uma forte pressão sobre as relações familiares, especialmente devido ao risco constante de violência, precariedade das condições de vida e separações.

A fala de João reflete unidade de registro Família, evidenciando como o garimpo, embora seja visto como uma chance de melhoria financeira, impõe desafios significativos às relações familiares. A categoria de análise Família é central nesse contexto, pois na busca por melhores condições de vida a irmão de João teve que se afastar do seu núcleo familiar e se aventurar no garimpo, o que já tinha ocorrido com ele próprio. A busca por melhores condições de vida no garimpo, com toda aquela esperança de enriquecimento rápido afetou as dinâmicas individual e familiares. Referindo-se ao seu próprio núcleo familiar, João relata o seguinte:

No começo, eu achava que ia ganhar dinheiro e dar uma vida melhor pra minha mulher e meus filhos. Mas o garimpo suga a gente. O dinheiro vem e some rápido, e a gente fica sempre correndo atrás de mais. Minha mulher não aguentou essa vida de incerteza e foi embora com as crianças. Quando percebi, já tinha perdido minha família (SANTOS, 2025).

A busca pela oportunidade de enriquecer rapidamente pode ser vista como uma tentativa de alcançar melhores condições para si e para a família, mas também uma forma de ilusão, onde as expectativas muitas vezes não se concretizaram.

Em síntese, as falas de João e Pedro, assim como a de Sônia e Maria, oferecem um panorama multifacetado do garimpo, abordando as condições de trabalho, os impactos econômicos, as questões de gênero, a divisão de papéis sociais e a prostituição, que permeiam a vida no garimpo.

As narrativas ilustram as tensões entre a busca pela riqueza e a realidade de um trabalho legal e ilegal, marcado por dificuldades e desigualdades, onde as mulheres, apesar de estarem presentes, foram invisibilizadas, encaixotadas dentro daquilo que foi socialmente determinado, no processo de criação do conceito de gênero, para as mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou a presença das mulheres no garimpo de draga, evidenciando sua marginalização e invisibilidade dentro dessa atividade historicamente marcada por uma divisão sexual do trabalho. As entrevistas realizadas com Sônia, Maria, Pedro e João demonstraram as diferenças nos papéis desempenhados por homens e mulheres, reforçando a predominância masculina nas atividades diretamente ligadas à extração do diamante. Ainda que o número de entrevistados não tenha sido significativo em termos quantitativos, o conteúdo dos relatos confirmou as tendências já apontadas na Fundamentação Teórica, validando os pressupostos sobre a hierarquização de gênero no garimpo.

A participação feminina no garimpo se concentrou em funções de menor reconhecimento social, como atividades domésticas (cozinhar, lavar, cuidar do ambiente), serviços de venda e entretenimento masculino. Embora alguns registros apontem a presença de mulheres lucrando diretamente com a extração de minérios, seja como proprietárias ou trabalhadoras, o padrão dominante foi a exclusão sistemática das mulheres das funções centrais da mineração. Essa segregação evidencia a rígida divisão sexual do trabalho, relegando as mulheres a posições de suporte e manutenção da ordem social no garimpo, sem acesso às mesmas oportunidades econômicas dos homens.

Além da marginalização econômica, a pesquisa revelou um cenário de violência simbólica e social contra as mulheres. Os relatos indicam a ausência de espaços para a expressão feminina dentro do garimpo, bem como o assédio e as diversas formas de coerção que dificultavam sua permanência em funções mais autônomas. Esse contexto não apenas reforçou a invisibilidade das mulheres, mas também perpetuou uma estrutura que restringia sua atuação a papéis de dependência e subordinação.

Os impactos socioambientais da mineração também repercutiram diretamente na vida das mulheres do garimpo, ainda que essa relação tenha sido pouco explorada na literatura e, conseqüentemente, na pesquisa. A degradação ambiental, especialmente a contaminação dos recursos hídricos, sobrecarregou as mulheres, que passaram a enfrentar maiores dificuldades para obter água potável, essencial para o preparo dos alimentos e a higiene familiar. Essa dinâmica impôs um ônus adicional às mulheres, intensificando a desigualdade de gênero ao transferir para elas o peso das consequências da exploração minerária.

A diferenciação dos papéis femininos e masculinos no garimpo reflete uma desigualdade estrutural mais ampla, onde as mulheres são excluídas das atividades mais valorizadas, como a operação e o controle das dragas. Essa marginalização contribui para um processo histórico de invisibilização, no qual as contribuições femininas para a economia e para a estrutura social do garimpo são sistematicamente negligenciadas.

Ao responder ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos, este estudo confirmou a divisão sexual do trabalho na mineração de draga em Andaraí e suas consequências para a invisibilização das mulheres que sempre estiveram presentes nessa atividade. As entrevistas forneceram suporte empírico para a análise crítica desse fenômeno, relacionando-o aos padrões históricos e culturais que sustentam a desigualdade de gênero.

Por fim, a pesquisa abordou os impactos ambientais do garimpo e sua relação com a sobrecarga de trabalho feminino, ainda que essa discussão tenha sido desenvolvida de forma mais tímida. Contudo, ficou evidente que a degradação ambiental não apenas comprometeu os ecossistemas locais, mas também reforçou dinâmicas de desigualdade ao afetar desproporcionalmente as mulheres. Assim, a pesquisa cumpre seus objetivos ao lançar luz sobre a marginalização feminina no garimpo de draga, evidenciando que sua invisibilização não foi apenas uma consequência da divisão do trabalho, mas também um reflexo das estruturas de poder e exclusão que permeiam essa atividade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, AC de et al. Reflexões sobre as relações entre desigualdade de gênero, mercado de trabalho e educação dos filhos. Observatório Socioeconômico da COVID-19. Recuperado em, v. 16, 2021. Endereço eletrônico: Textos-para-Discussao-26-Reflexoes-sobre-as-relacoes-entre-desigualdade-de-genero-mercado-de-trabalho-e-educacao-filhos.pdf.

ANDARAÍ, Lei nº 046, de 17 de maio de 2011. Estabelece a Política Municipal do Meio Ambiente e da Proteção à Biodiversidade, institui o Fundo Municipal de meio Ambiente e cria o Sistema Municipal do Meio Ambiente. [S. l.], p. 1 - 41, 18 mai. 2011.

ANDARAÍ, Prefeitura Municipal de Andaraí. Disponível em: <<http://www.andarai.ba.gov.br>>. Acesso em: 16 setembro 2022.

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

BARRETO, M. L. Garimpo no Brasil: uma análise histórica e socioeconômica. São Paulo: Edusp, 2000.

BATISTA, Erickson. 2017. Expedição Gruta da Marota - Chapada Diamantina. SEA - SOCIEDADE ESPELEOLÓGICA AZIMUTE. Recuperado de <https://seazimute.blogspot.com/2017/02/expedicao-gruta-da-marota-chapada.html>. Acesso em: 03 jan. 2025.

Borges, M. A. de. (2005). O Estatuto do Garimpeiro: avanços e desafios na regulação da mineração no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BRASIL. Decreto-lei nº 227, de 28 de fevereiro de 1967. Brasília. 1967.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Cadernos de Pesquisa, v.37, n. 132, p. 537-572, 2007.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Luiza Vosgrau de. A Desigualdade de Gênero: Uma Análise Do Caso Brasileiro. N.p., 2017.

COTRIM, L. R.; TEIXEIRA, M. O.; PRONI, M. W. Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. Texto para Discussão. Instituto de Economia – UNICAMP. 2020. 29 p.

DA SILVA, Edna Lucia; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. UFSC, Florianópolis, 4a. edição, v. 123, n. 4, p. 138, 2005.

DE SOUZA, Jane Felipe. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. Silva, p. 195, 1995.

GIFFIN, K. Gender Violence, Sexuality and Health. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 146-155, 1994.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de empresas, v. 35, p. 20-29, 1995.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 13, p. 595-609, set/dez 2007.

HOEFLICH, Ronile; TRZASKOS, Bárbara. Análise comparativa entre o Código de Mineração vigente desde 1967 e o substitutivo ao Projeto de Lei nº 37, de 2011. Geociências (São Paulo), v. 34, n. 3, p. 452-464, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: população e domicílios - primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2102011&view=detalhes>. Acesso em: 3 jan. 2025.

INSTITUTO MINERE. A importância da mineração para a economia brasileira. Disponível em: <https://www.institutominere.com.br>. Acesso em: 10 out. 2023.

JESUS, Daniella Silva dos Santos de. Garimpo de silêncios experiências do trabalho de mulheres nas lavras diamantinas (Igatú/Andaraí-BA, décadas de 1930 a 1970). 2019.

KUMASHIRO, Kevin K. Rumo a uma teoria da educação anti-opressiva. Revisão da pesquisa educacional, v. 70, n. 1, p. 25-53, 2000.

LIMA, R. M. et al. Mineração e sustentabilidade na Chapada Diamantina: desafios e perspectivas. Salvador: Edufba, 2022.

Louro, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36. Disponível em: [guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf](#).

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-posições, v. 19, p. 17-23, 2008.

MATTA, Paulo Magno da. O garimpo na Chapada Diamantina e seus impactos ambientais: uma visão histórica e suas perspectivas futuras. 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MEDEIROS, P. M. A feminização do mercado informal: inserção precarizada e desigual. In. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, Anais. Centro de Ciências Humanas, UFMA. São Luís – MA. Agosto de 2017.

MORESI, Eduardo et al. Metodologia da pesquisa. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 5, 2003.

PEREIRA, R. M. Aspectos geológicos e minerários da Chapada Diamantina. Salvador: Edufba, 2010.

Philippi Jr., A., & Bruna, G. C. (2004). *Gestão Ambiental e Sustentabilidade*. São Paulo: Manole. p. 980.

RODRIGUES, Rita Maria. Mulheres de Ouro: O trabalho feminino nos garimpos dos Tapajós. Belém, 1992. 126 p. Mulheres do ouro: o trabalho feminino nos garimpos. | Acervo | ISA.

ROSSITER, M. W. (1993). The Matthew Matilda Effect in Science. Social Studies of Science, 23(2), 325–341.

SANTOS, Gardênia Lima dos. O impacto do garimpo de draga na vida das mulheres em Andaraí, Chapada Diamantina, durante o período de atividade garimpeira. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Exatas, Programa de Pós-graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB, Feira de Santana, 2025. Orientador: Prof. Dr. Carlos Uchôa de Lima; Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia de Alencar Serra Sepúlveda.

SANTOS, Leila Thaise S. de Oliveira; VASCONCELOS, Murilo Pinho; RODRIGUES, Danusa da Purificação; NOLASCO, Marjorie Cseko; JESUS, Taise Bonfim de. Consequências da atividade garimpeira de diamante na Bacia do rio Coisa Boa, Vila de Igatu - Andaraí - BA. Revista de Biologia e Ciências da Terra, Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Joan Scott. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott– Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. 1989.

SEPULVEDA, Claudia; SILVA, Indianara. Narrativas dissidentes: contribuições da história das mulheres para uma educação anti-opressão. IN: GALIETA, T. Temáticas sociocientíficas na formação de professores. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 93-112, 2021.

SUCUPIRA, Iara da Silva. O uso de uma sequência didática na resolução de problemas como estratégia facilitadora do processo de ensino-aprendizagem de conceitos básicos da matemática. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) - Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Escola de Educação, Ciência, Letras, Artes e Humanidades, 2017.

SVISERO, D. P. Geologia e gemologia dos diamantes da Chapada Diamantina. São Paulo: Edusp, 1995.

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 36, n. 2, p. 207-216, 2014.

ZABALA, Antoni. As sequências didáticas e as sequências de conteúdo. In: A prática educativa - Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.53-87.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “O impacto do garimpo na vida das mulheres em Andaraí, Chapada Diamantina, durante o período de atividade garimpeira.”, que tem como objetivo de mobilizar os professores e estudantes do colégio Municipal Darcy Pina Dantas a investigarem sobre o impacto causado pelo garimpo na vida de mulheres em Andaraí, Chapada Diamantina.

A sua participação se dará da seguinte forma: concedendo entrevistas a respeito da experiência no período do garimpo em Andaraí; tendo algumas de suas falas registradas por meio de escrita. Todas essas informações serão usadas apenas nesta pesquisa e tratadas com o mais absoluto sigilo, confidencialidade e anonimato e ficarão arquivados sob minha responsabilidade e após cinco anos serão destruídos.

Os resultados da pesquisa serão utilizados para produzir materiais curriculares educacionais que serão disponibilizados em uma plataforma digital para professores da educação básica. Serão disponibilizados para professores da rede municipal de ensino, podendo ser publicados em textos de capítulos de livro, artigos de periódicos acadêmicos. É importante esclarecer, contudo, que os resultados da pesquisa serão comunicados utilizando nomes fictícios para os participantes, que terão, assim, sua identidade preservada.

A sua participação é voluntária e em qualquer momento você poderá deixar de participar da pesquisa se assim o desejar. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Não existirão despesas ou compensações pessoais em qualquer fase do estudo. Sua participação na pesquisa poderá trazer riscos emocionais, psicológicos em função de memórias de situações que você participou no passado, que podem

ter sido tensas, opressoras ou emocionantes, pode lembrar-lhe de laços afetivos com entes que já se foram, por exemplo. Como benefício destacamos que sua participação poderá contribuir para a sua formação pessoal, para seu desenvolvimento profissional – ao participar e produzir inovações educacionais, colaborar na escrita e publicação de artigos dos quais será co-autor(a). Contribuirá também para que a história do garimpo de Andaraí possa ser conhecida por gerações futuras e por uma ótica que inclua as mulheres.

Caso concorde em participar voluntariamente, se sinta devidamente esclarecido(a) e esteja de acordo com esta pesquisa, pedimos que informe o seu consentimento assinando esse documento que apresenta duas vias sendo que uma via permanecerá de posse dos pesquisadores e outra com o/a participante. Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa poderá entrar em contato comigo, Gardênia Lima dos Santos, coordenadora da pesquisa, no endereço abaixo. Em caso de dúvida sobre aspectos éticos da pesquisa, também poderá entrar em contato comigo, pelo número (75) 991701753 ou pelo e-mail galslima@gmail.com.

Participante da Pesquisa / ou responsável

Responsável pela Pesquisa

Gardênia Lima dos Santos

UEFS- Av. Transnordestina, S/N. Bairro Novo Horizonte, DEDU, Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), Tel (75) 3161-8472. Feira de Santana-BA

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

NOME DO ENTREVISTADO:

APELIDO:

LOCAL:

DATA:

1. Identificação do entrevistado

Idade:

Escolaridade:

Local de nascimento:

Quanto tempo na região:

Onde mora:

Contato:

Há quanto tempo garimpa?

Família garimpava? Desde quando? Como aprendeu a garimpar?

Porque é garimpeiro hoje?

Como é o trabalho no garimpo hoje? Como era antes?

Quanto ganha no garimpo?

Como as mulheres eram remuneradas no garimpo?

Como você vê a questão da prostituição no garimpo?

Qual era a principal função exercida pelas mulheres no garimpo?

Quem eram os responsáveis pelas compras dos mantimentos para a alimentação no garimpo?

As mulheres levavam os seus filhos para o garimpo?

Como eram vistas as mulheres que vinham de outras cidades para trabalharem no garimpo ou em casas de boate?

Como era o garimpo no passado?

Como é o garimpo nos dias atuais?

Como é a hierarquia de organização, autoridade e ganho econômico no garimpo?

Como é a sua vida depois do garimpo?

Você conseguiu acumular bens?

Qual a importância do garimpo pra sua vida?

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____,
portador(a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito(a) no
CPF sob nº _____, ciente dos objetivos, procedimentos
metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como da necessidade do
uso de minha imagem e/ou de registro de áudio, especificados no Termo de
Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente
termo, os (as) pesquisadores(as) da pesquisa *"Investigação Colaborativa sobre
Materiais Curriculares Educativos para as Relações Étnico-Raciais baseados na
história do racismo científico"*, coordenada pela professora Claudia de Alencar
Serra e Sepulveda, do Departamento de Educação da Universidade Estadual de
Feira de Santana (UEFS), a realizar as imagens de vídeos e registro audiovisuais
que se façam necessários sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das
partes. Através deste, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer
ônus de todos os direitos relacionados à minha imagem e voz.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso
das imagens e registro audiovisuais acima mencionadas, exclusivamente para
fins acadêmicos, artísticos e culturais, nas seguintes formas: (I) em vídeos
educativo-culturais; (II) possíveis eventos acadêmicos que envolvam a temática
dessa pesquisa; em (III) mídias de divulgação em ambiente virtual projetado
para formação de professores; (IV) e em relatos de experiência de quaisquer
membros da equipe executora do projeto, seja professores ou estudantes,
eventualmente publicados em reuniões e/ou periódicos científicos.

Por esta ser a expressão de sua vontade, o (a) responsável declara que
autoriza o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de
direitos conexos à sua imagem, e assina a presente autorização, em conjunto
com o(a) responsável pela pesquisa, em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Feira de Santana, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do Participante:

Assinatura de Membro da Equipe Executora do Projeto:

APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM SÔNIA, MARIA, PEDRO E JOÃO

O IMPACTO DO GARIMPO DE DRAGA NA VIDA DAS MULHERES EM ANDARAÍ, CHAPADA DIAMANTINA, DURANTE O PERÍODO DE ATIVIDADE GARIMPEIRA.

GARDÊNIA LIMA DOS SANTOS

Objetivo da Pesquisa:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a invisibilização das mulheres no garimpo de draga em Andaraí, buscando compreender como elas se inserem nesse contexto, quais são os papéis que desempenham e os desafios que enfrentam em um espaço historicamente dominado por homens. Através das entrevistas realizadas, busca-se evidenciar os relatos dessas mulheres e sua contribuição para a dinâmica do garimpo, bem como as desigualdades estruturais que enfrentam.

Entrevista com Sônia

Santos: Como foi seu primeiro contato com o garimpo?

Sônia: Eu vim pro garimpo assim no dia 23 de junho de 1987, vim passar o São João em Andaraí porque o pai dos meus filhos já trabalhava em garimpo, aí me trouxe pra passar o São João aqui. Chegando em Andaraí, gostei da cidade, do acolhimento das pessoas, e no outro dia já fui buscar minha mudança e vim morar em Andaraí. Nesse momento, só o pai dos meus filhos trabalhava como garimpeiro. Acompanhei ele em vários garimpos e depois comecei a cozinhar no garimpo.

Santos: Como era o trabalho das mulheres no garimpo?

Sônia: Às vezes, no garimpo tinha como as mulheres ganharem mais do que os homens porque, às vezes, elas tinham mais trabalho, porque a cada cinco homens para quem cozinham, ganhavam três por cento de cada um. Tinha garimpo que pagava mais. No de draga pagava quatro, pagava cinco, mas nos que eu cozinhei, sempre ganhei três por cento.

Santos: Você sentia que havia uma divisão entre homens e mulheres no trabalho do garimpo?

Sônia: A mulher aqui no garimpo é quem cuida da casa, da comida e dos filhos, enquanto os homens ficam com a draga e a parte mais pesada. A gente não pode chegar perto deles, é como se fosse coisa de homem. Os homens decidem tudo, e a gente tem que aceitar. Se a gente pedir pra falar, eles dizem que a gente não entende de nada.

Entrevista com Maria

Santos: Como era a presença das mulheres de fora no garimpo?

Maria: Quando eu trabalhava na Vitória, lá próximo do garimpo, tinha um bar e as mulheres de fora ficavam lá. Eu tive a oportunidade de conhecê-las mais de perto. Eram de fora, mas eram umas meninas até legais. Elas vinham pra cá, não com o objetivo de trabalhar no garimpo, mas com o objetivo da prostituição. Os homens ganhavam dinheiro fácil e gastavam com facilidade, e aí elas tinham dona lá, que mantinha elas lá, dava comida, moradia, tudo, mas administrava também o dinheiro que elas ganhavam da venda do corpo delas.

Santos: Como era o suprimento no garimpo?

Maria: Quem fazia as despesas era o dono do garimpo. Ele fazia as despesas e deixava no “barraco”. Vi muita fartura no garimpo. O garimpo em que cozinhei tinha muita fartura. Tinha o caixote que comprava tudo de saco: saco de feijão, saco de arroz. Tudo era fartura: caixa de ovos, de óleo.

Santos: Como era a relação das mulheres com os garimpeiros?

Maria: Foi a época em que acho que as mulheres mais brigaram por homem em Andaraí. Mas, pra mim, elas não brigavam nem pelos garimpeiros, brigavam pelo dinheiro que os homens ganhavam fácil e gastavam com mais facilidade ainda. O dinheiro que eles ganhavam dava pra comprar uma casa, mas chegavam em um bar, mandavam fechar o bar, pegavam toda bebida que tinha no freezer, mandavam descer e bebiam.

Santos: Como era a violência no garimpo?

Maria: Não é fácil ser mulher aqui. Tem muita violência, e a gente tem que se calar, porque, se não cala, piora. E se falar demais, os homens não deixam a gente trabalhar direito. É uma luta que a gente tem que enfrentar sozinha.

Entrevista com Pedro

Santos: Como é o uso do dinheiro no garimpo?

Pedro: Quando eles pegam o diamante, é uma coisa doida. Aquele dinheiro é gasto de qualquer forma, não tem controle. A pessoa pega o dinheiro e vai pro bar, ou compra coisa que nem precisa. E depois, acaba não sobrando nada, porque no garimpo, o dinheiro vem fácil, mas vai fácil também.

Santos: Como as mulheres são inseridas no garimpo?

Pedro: No garimpo, cada um tem seu lugar. Os homens estão na draga, no pesado, quebrando pedra, procurando a sorte. Já as mulheres, quando aparecem por lá, quase sempre ficam na cozinha ou acabam envolvidas com o comércio de bebida e outras coisas.

Entrevista com João

Santos: Como você percebe a fiscalização do garimpo?

João: A gente sempre teve fiscalização, mas o problema é que a fiscalização não foi em cima do que realmente precisava ser feito, como o reflorestamento, que ficou de lado. A área de "Coxa Pregó" foi fechada depois que denunciaram e a polícia ambiental entrou.

Santos: Como é a experiência das mulheres no garimpo?

João: As mulheres, quando vão pro garimpo, têm que ser muito mais fortes do que os homens. Não é fácil, principalmente porque estão em um ambiente onde os homens dominam tudo.

APÊNDICE E – RELATÓRIO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Introdução:

Este relatório apresenta o resultado final do desenvolvimento do produto educacional no âmbito do curso de mestrado em Ciências Ambientais. O objetivo deste material é oferecer uma proposta curricular e um recurso audiovisual que abordem as questões de gênero através da história local do garimpo em Andaraí, Chapada Diamantina, Bahia. O foco principal foi destacar o papel das mulheres como agentes sociais nesse contexto específico e explorar suas experiências, contribuições e desafios enfrentados.

Proposta Pedagógica:

O produto educacional consiste em duas partes principais: uma proposta curricular escrita com atividades para serem implementadas por professores do ensino médio e um vídeo documentário intitulado "Diamantes em Terras Andaraíenses". A proposta curricular foi estruturada para promover discussões sobre gênero através de uma perspectiva histórica e cultural, utilizando a história local como base. O vídeo documentário complementa esse conteúdo, apresentando depoimentos de mulheres que trabalharam como cozinheiras no garimpo, oferecendo uma visão única e pessoal de suas vivências e de um garimpeiro contando a sua experiência na atividade garimpeira.

Descrição do Trabalho:

Para a produção do material, inicialmente foi elaborado um roteiro de entrevista e realizadas entrevistas com algumas mulheres que trabalharam no garimpo, buscando capturar suas histórias e experiências. Apesar das dificuldades encontradas, o material obtido foi rico em informações, revelando aspectos diversos das vivências das mulheres no garimpo, incluindo desafios enfrentados e contribuições econômicas e sociais.

A produção do vídeo documentário envolveu várias etapas, desde a escolha dos locais de filmagem até a edição final do conteúdo. Foram necessários cuidados éticos, como obtenção de consentimento das entrevistadas e autorizações para uso de imagem e voz. O documentário foi projetado não apenas para educar, mas também para preservar e dar voz às

histórias das mulheres que foram historicamente marginalizadas e silenciadas.

Metodologia:

A metodologia adotada incluiu a apresentação da proposta pedagógica às equipes gestoras e professores locais, seguida pela apresentação do tema aos estudantes através de diversas atividades, como rodas de conversa, leitura compartilhada de textos relevantes e discussões sobre os temas abordados. Além disso, o vídeo documentário foi utilizado como recurso pedagógico central, permitindo aos estudantes refletir sobre as falas das entrevistadas e participar de discussões estruturadas.

Conclusão:

Este produto educacional não apenas abordou de maneira significativa as questões de gênero e a história local do garimpo em Andaraí, mas também promoveu o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes ao explorar temas sociais complexos. A colaboração com a comunidade local e a utilização de recursos multimídia foram fundamentais para o sucesso do projeto, destacando a importância de preservar e valorizar as histórias das mulheres no contexto do garimpo.

Relevância do Tema:

A relevância do tema foi ressaltada pela significativa participação de mulheres no garimpo de Andaraí, contribuindo para a economia local e enfrentando desafios únicos dentro de um ambiente predominantemente masculino. A abordagem educacional proporcionou uma compreensão mais profunda das relações de gênero e das dinâmicas sociais envolvidas, sendo crucial para a construção de uma educação inclusiva e crítica.

Este relatório reflete o compromisso com a pesquisa acadêmica, a educação inclusiva e a valorização da história local, contribuindo para o enriquecimento do currículo escolar e para a promoção de debates significativos sobre questões de gênero e identidade na sociedade contemporânea.

Referências:

- Adichie, Chimamanda Ngozi. (2017). Para educar crianças feministas:

um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras.

- Jesus, Daniella Silva dos Santos de. (2019). Garimpo de Silêncios: Experiências do trabalho de mulheres nas Lavras Diamantinas (Igaratu, Andaraí, décadas de 1930 a 1970). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe.

Este relatório finaliza o trabalho desenvolvido durante o curso de mestrado em Ciências Ambientais, representando um marco na promoção da educação crítica e inclusiva.